

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**LAYRTON BORGES BEZERRA**

**SOB O SIGNO DA ILUSÃO: as várias formas de representação do Cine  
Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984.**

**PICOS-PI**

**2013**

**LAYRTON BORGES BEZERRA**

**SOB O SIGNO DA ILUSÃO: as várias formas de representação do Cine  
Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984.**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em História, do  
Campus Senador Helvídio Nunes de  
Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de  
Araújo.

**PICOS - PI**

**2013**

Eu, **Layrton Borges Bezerra**, abaixo identificado como autor, autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 23 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

B574s Bezerra, Layrton Borges.  
Sob o signo da ilusão: as várias formas de representação do Cine Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984. / Layrton Borges Bezerra. – 2013.  
CD-ROM: il.; 4 ¼ pol. (70p.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.  
Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo

1. Cinema. 2. História Oral. 3. Memória. I. Título.

CDD 981.812 22

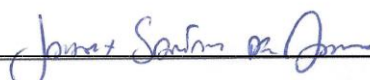
LAYRTON BORGES BEZERRA

**SOB O SIGNO DA ILUSÃO: as várias formas de representação do Cine  
Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984.**

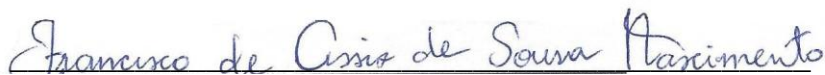
Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em História, do Campus  
Senador Helvídio Nunes de Barros, da  
Universidade Federal do Piauí.  
Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo.

Aprovada em        /        /

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Johny Santana de Araújo  
Doutor em História Social  
Presidente da banca examinadora



Prof. Francisco de Assis de S. Nascimento  
Doutor em História do Brasil  
Examinador interno



Prof. Luiz Egito de Sousa Barros  
Mestre em Linguística  
Examinador externo

A minha família, pelo apoio incondicional,  
afeto e aconchego em todos os  
momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

A realização dessa monografia não é fruto apenas do trabalho do autor, mas uma soma de contribuições de pessoas.

Agradeço aos professores do Curso de Licenciatura Plena em História. Destaco agradecimento especial ao professor Johny Santana de Araújo, manifestando admiração pelo seu profissionalismo e dedicação presentes nas orientações da monografia.

Estendo agradecimentos ao coordenador de História, Francisco de Assis de S. Nascimento pelo amparo recebido. E ao professor Gustavo Silvano Batista pelo incentivo a mim despendido, inúmeras vezes.

Sou grato a minha família, em especial ao meu pai e minha mãe, cujo respeito e admiração pelo meu trabalho foram fundamentais para minha vida acadêmica.

À Janiella, companheira nos diversos momentos, que com suas ações me auxiliou e me ensinou a vivenciar instantes com alegria e determinação.

À Haroldo Borges, que esteve sempre ao meu lado, um primo fiel, e acima de tudo, um grande amigo.

Obrigado aos amigos e amigas do curso pela compreensão, motivação e interesse de intercâmbio de ideias, alegrias e angústias.

Agradeço aos cidadãos dessa cidade, especialmente àqueles que me concederam entrevistas e responderam questionários - eles que construíram e constroem as imagens dos cinemas.

## RESUMO

Na presente monografia pretendo contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a história das casas de exibição cinematográfica, em Picos-PI, em especial, o cine Spark. A pesquisa é articulada tendo como metodologia a história oral e a pesquisa documental. As principais fontes históricas são as entrevistas em entrecruzamento com as fontes documentais (O jornal Macambira, fotos e anotações pessoais de participantes) que nutrem o desenvolvimento do texto. É de caráter investigativo e exploratório e tem como objetivo fazer uma análise sobre a história e memória das salas de cinema em Picos a partir do olhar dos sujeitos históricos que as constituíram, fundamentando-se na Nova História Cultural.

**Palavras-chave:** Cinema. História Oral. Memória. Sujeito histórico.

## **ABSTRACT**

In this monograph intend to contribute to the expansion of knowledge about the history of cinema exhibition houses in Picos-PI, in particular, the cine Spark. The research methodology is articulated as having oral history and documentary research. The main historical sources are interviews with sources in interweaving documentary (The newspaper Macambira, photos and personal notes of participants) that nurture the development of the text. It investigative and exploratory character and aims to perform an analysis of the history and memory of cinema in peaks from the look of historical subjects that constituted, citing the New Cultural History.

**Keywords:** Movies. Oral history. Memory. Historical subject.



## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 01</b>	Microfone do Cine Odeon .....	19
<b>Fotografia 02</b>	Capa do Filme Romeo and Juliet – 1936 .....	23
<b>Fotografia 03</b>	Capa do Filme Sansão e Dalila – 1949.....	29
<b>Fotografia 04</b>	Capa do La Violetera – 1958 .....	33
<b>Fotografia 05</b>	Capa do filme <i>Viagem ao Planeta Proibido</i> – 1959.....	37
<b>Fotografia 06</b>	Cine Spark na década de 1960.....	45
<b>Fotografia 07</b>	Carteira de Trabalho do senhor Ademar de Araújo Barros.....	49
<b>Fotografia 08</b>	Programação do Cine Spark – Dezembro de 1977.....	53
<b>Fotografia 09</b>	Programação do Spark – Novembro de 1978.....	59
<b>Fotografia 10</b>	Recorte das Anotações Pessoais da Caderneta de Albano Silva .	65
<b>Fotografia 11</b>	Recorte das Anotações Pessoais da Caderneta de Albano Silva .	65
<b>Fotografia 12</b>	Nilton César .....	66
<b>Fotografia 13</b>	Josafá Batista de Barros - Show de Variedades Bezerra Rodrigues no Cine Spark .....	69
<b>Fotografia 14</b>	Show de Inauguração dos Instrumentos elétricos da Banda Os <i>Leões</i> no Cine Spark em 1967.....	72
<b>Fotografia 15</b>	Matéria do Jornal Macambira sobre a decadência do Spark .....	74

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 OS PRECURSORES DO CINEMA EM PICOS-PI, DE 1940 A 1962.....</b>	<b>16</b>
1.1 Cine Odeon.....	17
1.2 Cine Guarani.....	24
1.3 Cine Ideal.....	26
1.4 Cine Alvorada.....	31
<b>2 O SPARK VISTO DE DENTRO.....</b>	<b>34</b>
2.1 Inauguração do cine Spark.....	34
2.2 Viagem Mágica.....	38
2.3 Cine Spark.....	45
2.4 Por trás das cortinas.....	48
2.5 UPES – Representando os Estudantes Picoenses.....	54
<b>3 PERCURSOS E PERSPECTIVAS DO SPARK.....</b>	<b>56</b>
3.1 Através do Spark.....	56
3.2 Já é hora de ir ao cinema?.....	58
3.3 E hoje? O filme é nacional ou estrangeiro?.....	60
3.4 Abram as cortinas: o show já vai começar.....	65
3.5 É o fim: o Spark fecha suas cortinas.....	72
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>FONTES E REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>85</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve início no ano de 2010, em que tive a oportunidade de ser bolsista e monitor de um projeto de extensão da Universidade Federal do Piauí, intitulado: Pólo Spark de Artes. Este nome foi dado em homenagem ao Cine Spark, o último cine da cidade de Picos.

O Spark foi inaugurado no ano de 1964 e projetado para desempenhar, além da atividade cinematográfica, outras funções, como: apresentações musicais. Essas atividades tiveram início no dia 26 de agosto de 1964 e vieram a se extinguir quase na metade da década de 80 do século XX.

Esse cine foi idealizado por quatro pessoas, estas já haviam montado uma sociedade de sucesso, e que estava corporificada através do nome: Representações Bezerra e Santos Ltda. Um grupo composto por quatro pessoas: José Bezerra Rodrigues, Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues, Antônio Rodrigues Santos e Luís Rodrigues Santos.

A escolha pelo Spark deve-se ao fato de ter esse cine me chamado a atenção, impressionando-me a partir das histórias contadas por aqueles que viveram os anos de auge e esplendor do cinema local, além disso, essa foi a casa de exibição de filmes que por mais tempo desempenhou as atividades cinematográficas na cidade.

No tocante à produção historiográfica sobre cinema, tais estudos não são tão novos, sendo importante salientar que foi com o advento da Nova História Cultural que pesquisas sobre cinema passaram a ter novas abordagens, pois os historiadores passaram a repensar seus métodos e encarar a relação Cinema e História como algo pertinente e de ampla significância para os estudos históricos.

De acordo com Jean Claude Bernardet, “os historiadores do cinema brasileiro não têm formação de historiador, o que poderá ter levado a algumas ingenuidades metodológicas, mas isso não é suficiente para compreender o caráter ideológico da elaboração do discurso”<sup>1</sup>. Bernardet refere-se àqueles que estudam e escrevem sobre o cinema brasileiro (da qual Paulo Emílio Salles Gomes e Alex Vianny são expoentes) por não terem a formação apropriada, que é a de historiador, acabam gerando equívocos metodológicos, “pela frágil investigação das informações e dos

---

<sup>1</sup> BERNARDET, Jean Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro*. Metodologia e Pedagogia. São Paulo: Anablume, 1995, p 30.

documentos dessa metodologia resultando em conclusões inconsistentes”.<sup>2</sup> Estes equívocos começam no critério utilizado para determinar o surgimento do cinema brasileiro, pois esses estudiosos versam em seus discursos sobre as origens do cinema brasileiro como sendo uma filmagem, ou seja, uma produção fílmica. E isso pode ser comprovado pela escolha do marco inaugural do cinema brasileiro que é uma filmagem, em contraponto a uma projeção pública.

A escolha de uma filmagem como marco inaugural do cinema brasileiro, ao invés de uma projeção pública, não é ocasional: é uma profissão de fé ideológica. Com tal opção, os historiadores privilegiam a produção, em detrimento da exibição e do contato com o público. Pode se ver aqui uma reação contra o mercado: à ocupação do mercado, respondemos falando das coisas nossas. E não é difícil perceber que esta data está investida pela visão corporativa que os cineastas brasileiros têm de si mesmos, e por uma filosofia que entende o cinema como sendo essencialmente a realização de filmes<sup>3</sup>.

No entendimento de Freitas,

Consequência disso, seria a escassez de informações quanto ao público e as salas de cinema no Brasil que, por seu turno, orientou, entre outras coisas, o pensamento da periodização do cinema brasileiro empreendida por Salles Gomes por caminhos errados<sup>4</sup>.

Esse tipo de análise que considera o cinema como sendo somente a produção de filmes, acabou colocando o público no esquecimento e impedindo que o mesmo pudesse ser caracterizado como um sujeito histórico, como por exemplo, através da elaboração de análises sobre relação existente entre o público e os espaços de exibição.

Segundo a historiadora Sheila Schvarzman o cinema como objeto de estudo irá ganhar uma maior dimensão e novas abordagens, vindo a superar a visão tradicional à qual Jean Claude Bernardet se referiu.

---

<sup>2</sup> BERNADED Apud: FREITAS, Marco. *Relações entre cinema e história: a metodologia cine-historiográfica* de Jean-Claude Bernardet. Disponível em: <[http://www.asaeca.org/aactas/freitas\\_marco\\_-\\_ponencia.pdf](http://www.asaeca.org/aactas/freitas_marco_-_ponencia.pdf)>, p. 08. Acesso em: 20 de Outubro de 2012.

<sup>3</sup> BERNARDET, Jean Claude. Op. Cit., p.26-27. Dentre os autores que defendem este marco inaugural destacamos: GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema: trajetória do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

<sup>4</sup> FREITAS, Marco, Loc. Cit.

Desta forma, encontramos hoje trabalhos no âmbito da economia, da arquitetura, da frequência, das salas de cinema, da crítica, da música, da análise da recepção, o papel do cinema na urbanização e na projeção da ideia do urbano e da modernidade. Com historiadores e outros especialistas, o foco sai da tela para a sala, o espectador, as significações simbólicas do cinema, a frequência e as práticas sociais. Isso agregou rigor aos estudos de cinema, ampliou o foco, e tornou mais ricas as abordagens. Ou seja, o cinema é um foco privilegiado de observação de algo que é mais ampliado – o cotidiano, a ida na fábrica ou na cidade. O cinema é, portanto, um meio que se emprega para conhecer, por vezes, um âmbito maior, é um meio a partir do qual se lança mão para conhecer sentimentos, subjetividades, reações. Ou o espelho onde se observa a forma de encenar a mulher, ou o homem<sup>5</sup>.

A partir disso, na tentativa de dar voz aos sujeitos históricos, utilizo os homens e mulheres memória que guardam consigo, as lembranças de suas vivências, sentimentos e admirações por esse cine, para assim, podermos reconstruir o percurso das salas de exibição cinematográfica na cidade de Picos.

De acordo com Delgado, “os homens são agentes da história e sujeitos da memória, do esquecimento e do saber”<sup>6</sup>.

Dessa maneira, na trajetória das salas de cinema que marcaram o período áureo da exibição no Brasil e no mundo, encontra-se o histórico cine Spark, que acompanhou as tendências, nacionais e mundiais, tanto no que diz respeito às ocorrências de sucesso como ao declínio. Esse fato é corroborado quando o Spark encerrou suas atividades cinematográficas, quase na metade da década de 80 do século XX, pois o momento acontecia com vários espaços de exibição desse porte, em todo o mundo.

Considerando as singularidades desse cine para a cidade de Picos, se fez interesse desta pesquisa apresentar as formas de apropriação a partir do olhar sob a tela de ilusões.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram considerados os seguintes pontos:

A estrutura física do cine Spark permite ainda reconstituir algumas experiências sensoriais que realimentam a memória da sala de cinema como sendo de fato uma grande sala de exibição; os valores apropriados pela sociedade

---

<sup>5</sup> SCHVARZMAN, Sheila. *História no Cinema/História do Cinema*. Disponível em: < <http://mnemocine.com.br>>. Acesso em: 09 de Agosto de 2012.

<sup>6</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 57.

picoense advindos do contato com a película fílmica através da casa de exibição cine Spark; as maneiras pelas quais o Spark foi utilizado no decorrer de todo o seu período de existência, e a ausência do cinema e de estudos sistemáticos sobre a memória dos espaços de exibição cinematográfica na cidade gera o esquecimento desse passado.

Ainda surgiram alguns outros questionamentos, a saber: como esse cine conseguiu funcionar por tanto tempo, levando em consideração que as demais salas de exibição cinematográficas da cidade de Picos não conseguiram obter o mesmo sucesso ou duração de tempo?

Por isso, foi necessário rever além da trajetória do Spark, a de outras casas de exibição fílmica existentes em Picos, como: cine Odeon, cine Guarani, cine Ideal e cine Alvorada, pois estas não conseguiram manter-se em funcionamento por um extenso período temporal.

Para responder essas e outras questões, foi necessário estabelecer um recorte temporal, a fim de demarcar o período em que esta pesquisa está focada, por isso, decidi abordar os 20 anos de funcionamento do Spark. Para tanto, selecionamos entrevistados que pudessem recordar as décadas de 1960, 1970 e 1980.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados como fontes o jornal Macambira<sup>7</sup>, fotos (do maquinário, assentos e atores e atrizes hollywoodianos), entrevistas e material escrito por participantes das apresentações cinematográficas (caderneta de anotações de Albano Silva dos filmes exibidos nos anos 1964 e 1965) e as carteiras de operador de maquinário e de trabalho do senhor Ademar de Araújo Barros.

Entre os entrevistados estão Maria Oneide Fialho Rocha e Maria Lourdes de Carvalho, vizinhas do prédio em que funcionava o Cine Spark, Odorico Leal de Carvalho, Olívia da Silva Rufino Borges e Josafá Batista de Moura que se apresentaram no show de calouros, Maria das Graças Barbosa Rodrigues, ex-funcionária do Cine e por fim Maria Nunes Maia, Joaquina Rodrigues de Moura, Ozildo Batista de Barros, Paulo Sérgio Batista de Barros, Maria Eunice Soares Teixeira e Douglas Moura Nunes, estes foram escolhidos pela reconhecida relação

---

<sup>7</sup> Em relação ao jornal Macambira, o presente trabalho utilizou a documentação digitalizada pela direção do Museu Ozildo Albano, e também as fichas geradas nessa pesquisa e realizadas por mim. Esse jornal foi fundado em 22 de dezembro de 1975, sendo um informativo do Campus Avançado de Picos da Universidade Federal do Goiás.

que mantinham com as casas de cinema da cidade, pois costumeiramente se faziam presentes às apresentações.

Além dessas entrevistas também conversei com o senhor Ademar de Araújo Barros, que trabalhou no cine Spark exercendo várias funções, como: vendedor de bombons, faxineiro, auxiliar de operador e por fim operador, mas que, no entanto por debilidade física não pôde fornecer a entrevista, apenas abriu espaço para que eu pudesse anotar as informações devidas.

As entrevistas funcionaram como uma forma de recuperar, claro que não tal como foi, mas agora como é lembrado o período de funcionamento e as experiências vividas no cine Spark pelas pessoas que participaram ativamente de todo ou de partes desse momento em que o cinema de calçada<sup>8</sup> esteve atuante na cidade.

De acordo com Delgado,

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade<sup>9</sup>.

As fontes referentes ao jornal e às fotos são utilizadas no intuito de confrontar e complementar informações levantadas através das entrevistas e para verificar, por exemplo, como eram as acomodações, os filmes exibidos nesse cine e até sobre o fechamento.

Com relação ao Cine Spark, atualmente, existem dois trabalhos que podem ser utilizados como material bibliográfico, o das ex-alunas no Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí, Karla Ingrid e Aylla Mara Caminha Luz. A primeira trata em sua monografia sobre os espaços de lazer e sociabilidade juvenis na cidade de Picos na década de 1960, e cita esse cine por o mesmo ser tratado por todos como um espaço de diversão e interação entre a juventude desse período e de todo o que se segue até a metade da década de 80 do século XX. A segunda se propõe a estudar especificamente o cine Spark como

---

<sup>8</sup> Essa expressão era utilizada por fazer referência aos cines localizados em via pública e cuja saída dava diretamente para a rua.

<sup>9</sup> DELGADO, op. cit., p. 43.

espaço de lazer e sociabilidade durante as décadas de 1960 e 1970, buscando entender o que o cine representava para o povo picoense.

Até o momento a bibliografia específica sobre o cinema e sua atuação enquanto sala de exibição foram os já mencionados anteriormente. Portanto, concorre este trabalho no sentido de contribuir tanto para uma atualização quanto para uma ampliação do corpus bibliográfico referente ao cine.

A monografia compõe-se de três capítulos, organizados como descrito a seguir:

O primeiro capítulo conta “Os precursores do cinema em Picos, de 1940 a 1962”, em que é trabalhado o contexto histórico geral das salas de cinema, ressaltando de modo geral suas peculiaridades oriundas da chegada da projeção fílmica a cidade e suas dificuldades, como: a divulgação e a tentativa em conseguir chamar a atenção do olhar do público.

No segundo capítulo, com o título “O Spark visto de dentro” traz a proposta de apresentar o cine a partir da percepção extraída pelos atores sociais que o constituíam diariamente.

E por fim no terceiro capítulo “Percurso e Perspectivas do Spark”, são apresentadas algumas formas de apropriação por parte do público a partir do contato com a tela da ilusão, procurando através de fatos pontuais inserir os momentos de ascensão desse cine, como o show de calouros e de artistas nacionais, chegando à decadência e posterior fechamento.



## **1 OS PRECURSORES DO CINEMA EM PICOS-PI, DE 1940 A 1962.**

A história da cidade de Picos está relacionada com sua trajetória cinematográfica, pois os cines que aqui existiram estão guardados com saudosismo por aqueles homens e mulheres memória que puderam viver, se emocionar, sorrir, chorar com suas exibições, com seus filmes, pela vontade de quererem está participando e não poderem. Esses cines acompanharam o desenvolvimento e crescimento de Picos, ficando guardados apenas no imaginário daqueles que viveram e dos que escutaram através da história oral transmitida por seus pais e seus avós. Com os anos, as ruas foram sendo delineadas, os espaços vazios agora sendo ocupados, casas construídas e outras desconstruídas para que novos moldes e formatos pudessem ocupar o espaço anteriormente ocupado, o comércio florescia através do tráfego de transeuntes diariamente pelo centro, a vida urbana se transformava e junto a ela a vida dos seus moradores.

No desabrochar do ano de 1940, Picos abre suas portas para a modernidade que chegava devagar, assustada, medrosa, sem saber o que o fazer, sem saber como aqueles habitantes reagiriam ao se defrontarem com a nova realidade que era a criação de sua primeira casa de exibição cinematográfica. Picos ou os picoenses conheceram um mundo diferente, distante, mudado daquilo que eram acostumados a ver. Tudo isso vindo por meio de uma simples película fílmica. Filmes em preto em branco? Sem sonorização? Em cores? Com som? Com legenda? E daí? Os picoenses queriam apenas se debruçar sobre o novo, sobre o diferente, descobrir um novo olhar que até aquele momento não existia.

Neste capítulo, começaremos a falar sobre os cines existentes na cidade de Picos, seu percurso, desenvolvimento, receptividade pelo público, dificuldades que os levaram ao fechamento, no intuito de delinear a trajetória existente entre 1940 a 1960, para assim, podermos então chegar ao momento de fundação do Cine Spark, pois este é parte de um contexto maior que é a existência das casas de exibição cinematográfica na cidade de Picos-PI.

Todo esse caminho vai sendo norteado pelas falas dos entrevistados que vão ganhando vida através da escrita. Seus contornos vão nos levando pelo imaginário, viajando pela criatividade e imersos na reflexão contínua sobre os momentos felizes daqueles que viveram um mesmo lugar em um outro momento da história, ou seja, a participação nas casas de exibição cinematográfica, e que posteriormente viram

esses ambientes definharem e desaparecerem com o tempo.

## 1.1 Cine Odeon

Este é o primeiro cine criado em Picos. E quanto ao seu funcionamento, é importante ressaltar que há divergências com relação às datas, pois na fala do senhor Francisco de Moura Monteiro, filho do senhor João de Carvalho Moura, dono do cine Odeon, este afirma ter esse cine funcionado apenas por três anos, de 1940 a 1943, contrariando a fala da historiadora Aylla Mara Caminha Luz<sup>10</sup> que utiliza o texto da Revista Foco em edição Comemorativa dos 111 anos de História de Picos para embasar seu texto monográfico que afirma ter sido este “construído ainda em 1934 [...], chegando a funcionar até meados de 1942”<sup>11</sup>.

O dono, como já mencionado anteriormente, se chamava João de Carvalho Moura e era conhecido por todos como Lousin Monteiro. Este teve a iniciativa de criar um espaço para a exibição de filmes, devido ao seu contato com “as terras civilizadas”, por ter morado em Fortaleza-CE e lá ter podido vislumbrar o grandioso desabrochar das casas cinematográficas.

A senhora Joaquina Rodrigues de Moura, conhecida por Iná Monteiro, menciona sobre a ideia tida por seu pai de construir o cine.

O Cine Odeon, né? Ele foi construído pelo meu pai João de Carvalho Moura conhecido na cidade como Lousin Monteiro, então ele estudava em Fortaleza. Ele com seus irmãos, quando ele terminou os estudos veio pra Picos pra ajudar os pais dele que eram comerciantes, Joaquim Antônio de Carvalho, grande comerciante [...] na época é... de se espelhando no cinema lá em Fortaleza onde ele assistia vários cinemas que, [...] naquela época quando começaram a surgir cinemas em Fortaleza ele achou por bem então fazer um aqui em Picos, né? Construir um aqui em Picos realmente construir mais naquela época [...] o pessoal era assim pouca instrução, né?<sup>12</sup>.

A cidade era muito carente de lugares de interação e diversão, então, pensando nisso o Senhor Lousin Monteiro decidiu incentivar as pessoas que aqui

---

<sup>10</sup> LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine Spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 83 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí, 2012.

<sup>11</sup> LUZ apud REVISTA FOCO. Edição Comemorativa (111 anos de história). Picos: Folha de Picos, 2001, p. 16.

<sup>12</sup> MOURA, Joaquina Rodrigues de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

residiam, por meio da construção de um cine. O objetivo do Senhor Lousin Monteiro, segundo a senhora Iná Monteiro, “era divertir o povo, né? Mostrar que a gente tinha uma... a intenção dele era aumentar a cultura de Picos, evoluir a cultura de Picos [...]”<sup>13</sup>.

Esse Cine estava localizado onde atualmente funciona a Fármacia Iná, na esquina da Praça Félix Pachêco. O espaço ainda pertence à família do Senhor Lousin Monteiro. A arquitetura predial não sofreu grandes modificações, por isso, ainda podemos pensar nesse espaço como o original ou muito próximo ao da década de 40. O espaço disponibilizado na época era pequeno tanto em comprimento como em largura e por consequência, quente, devido ao fato de as exibições cinematográficas necessitarem de um ambiente fechado e escuro. O prédio tinha uma arquitetura tradicional, pois era térreo, implantado sobre as divisas laterais do terreno e em alinhamento com a rua. Devido as características climáticas locais, haviam muitas portas, estas bem altas, sua cobertura era em telha vã (sem forro), as paredes internas tinham meia altura e os quartos e salas tinham pé-direito muito altos.

Para que pudessem ser realizadas as exibições nesse espaço, o Senhor Lousin Monteiro teve de fazer melhoramentos no prédio e adaptá-lo para suprir as atuais necessidades. Isso é corroborado por Maria Nunes Maia, conhecida por Remédios Maia, ao afirma que: “para o momento não era uma estrutura apropriada, eles fizeram uma adaptação, tinha lá um local e eles adaptaram, botaram uma tela e cadeiras, contanto que dava pra gente assistir os filmes”.<sup>14</sup>

Importante salientar que no tocante a estrutura física desse cine a entrevistada lembra que ao público o que importava eram as exibições. Todos apenas queriam está ali, participando, sorrindo e vivendo aquele momento de grande alegria.

Dona Iná Monteiro ainda recorda da música de abertura do Cine Odeon, “Meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá, uma vez tindolêê, outra vez tindolálá”<sup>15</sup>. Além disso, recorda também o filme que mais a criançada gostava “[...] Naquela época o filme que a criançada gostava, era aquele filme do Zorro que a criançada tudo gostava [...] mais voltado pra época também passava muitos filmes bom,

---

<sup>13</sup> MOURA, Joaquina Rodrigues de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>14</sup> MAIA, Maria Nunes. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>15</sup> MOURA, Joaquina Rodrigues de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

como... todo filme que passava em Recife vinham pra cá também”<sup>16</sup>.

Os filmes que seriam apresentados no cine Odeon faziam o seguinte percurso: inicialmente saiam de Recife, enviados pela Empresa de distribuição de Luiz Severiano Ribeiro<sup>17</sup>, posteriormente chegavam ao Crato e por fim a Picos.

Mas, quando os filmes chegavam a Picos outra dificuldade vinha à tona. Como seria feita a divulgação dos filmes, horários e valor dos bilhetes?

Por seu público ser muito disperso por toda a cidade, não havia meios de se ter uma divulgação intensa, contudo o senhor Lousin Monteiro tentava fazer o melhor possível, conseguiu arrumar um alto-falante e o colocou na parte de fora do prédio, pregado na parede frontal, onde funcionava o cine Odeon, e de dentro do prédio pelo microfone dava os avisos, entretanto o som transmitido por esse alto-falante não chegava a uma grande distância, permitindo apenas àqueles transeuntes da Praça Felix Pachêco que soubessem da notícia dos filmes.



Fotografia 01: Microfone do Cine Odeon  
Fonte: Museu Ozildo Albano

Os avisos eram dados em horários de pico, maior número de pessoas na praça. Segundo Dona Iná Monteiro, ao lembrar do alto-falante, “[...] ele anunciava com aquele alto-falante o filme que ia passar, o horário, o preço dos bilhetes, então

---

<sup>16</sup> MOURA, Joaquina Rodrigues de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>17</sup> Luiz Severiano Ribeiro nasceu em Baturité-CE, no dia 3 de junho de 1886 e faleceu no Rio de Janeiro-RJ no dia 1 de dezembro 1974, sendo este o fundador do Grupo Severiano Ribeiro. Ganhou enorme destaque por ter se consolidado como um dos maiores exibidores do Brasil.

eles compravam ali mesmo no prédio do Cine”<sup>18</sup>.

A outra entrevistada, a senhora Remédios Maia, também ao lembrar das exibições do Cine Odeon, diz que “a exibição era como todo filme, todo cinema, né? Só que era preto e branco, mais era exibido normalmente [...]”<sup>19</sup>. Mesmo com a diminuição dos lançamentos dos filmes mudos, estes remontavam a um período áureo do cinema mundial e por isso ainda continuavam a serem exibidos. Esse tipo de película ainda era trazido pelas distribuidoras e vendido para os proprietários dos cines, principalmente os do interior. Picos encaixa-se nesse cenário, pois o cine Odeon exibiu durante o seu curto período de tempo alguns filmes mudos, como relata a senhora Olívia Rufino “a gente assistia e por intuição a gente [...] pensava o que queria aquela história ali [...]”<sup>20</sup>.

Então, podemos pensar, será que o maquinário utilizado para as projeções já disponibilizava o equipamento de som necessário? Sim, pois, “por volta de 1936 as distribuidoras de filmes norte-americanos no Brasil investiram muito dinheiro em publicidade e na aparelhagem de som dos cinemas”<sup>21</sup>. Nesse sentido, é importante frisar que também foram exibidos pelo Odeon filmes com som, legendados e em preto e branco. Comprovando que o equipamento do Odeon era moderno para a época em que o cine estava inserido.

Vale lembrar que, para que o público pudesse ter contato com essa magia a partir das ilusões da tela cinematográfica, seriam necessárias pessoas que conhecessem o manejo do maquinário, arrumando as fitas quando apresentavam problemas, trocando-as no momento certo, recolocando o foco na imagem quando este havia sido perdido. Por isso, o senhor Lousin Monteiro contratou o Mestre Raimundo Duarte na função de operador do maquinário e o senhor Raimundo Paraíba (falecido no ano de 2010), como seu auxiliar. Funções difíceis e laboriosas, sendo importante acrescentar que enquanto toda a platéia se divertia, aqueles estavam a trabalhar, olhando os filmes apenas pela brecha na parede e repetidas vezes, chegando até a decorar as falas dos personagens. O trabalho do operador também era solitário e arriscado, pois se algo viesse a acontecer às películas, estas poderiam pegar fogo e tudo aquilo incendiaria muito rapidamente. Em resumo, para assumir a função de operador era necessário acima de tudo dedicação e entrega,

---

<sup>18</sup> MOURA, Joaquina Rodrigues de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>19</sup> MAIA, Maria Nunes. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>20</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>21</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_do_Brasil). Acesso em: 15 de Outubro de 2012.

para que todas as atividades fossem desenvolvidas com presteza e no momento exato.

Com relação à frequência nas exhibições, Maia afirma que “a frequência era boa, pelos jovens, mas por jovens, né? Principalmente esses que vinham de férias assistir os filmes, comédias, o que eles tinham pra oferecer no momento”<sup>22</sup>.

Os jovens, filhos de comerciantes e agricultores da época, eram enviados por seus pais para a continuidade de seus estudos em outras cidades mais desenvolvidas. Ao chegarem às mesmas, tinham acesso as casas de exhibições fílmicas, acabando por desenvolverem o gosto pela ida aos cines e pelos filmes. Quando retornavam a cidade natal, Picos, sentiam necessidade de continuarem freqüentando esse ambiente. Nesse momento, o cine Odeon despontava em sua frequência, pois esses jovens eram presenças certas e constantes nas apresentações que aconteciam no turno da tarde, em dias não aleatórios, isto acontecia devido à dificuldade de acesso aos filmes e a demora pela chegada dos mesmos.

Contudo, quando chegava o fim das férias e era necessário o retorno da juventude que aqui estava para continuarem seus estudos em outras cidades, o cine Odeon sofria uma grande recessão e, por conseguinte, queda na venda de bilhetes.

Dois outros problemas eram freqüentes naquela época no tocante à falta de público e que é relevante ser salientado. Primeiro - a grande maioria dos picoenses desconhecia tal inovação; e segundo - outros não tinham recursos suficientes para manter um entretenimento como esse, para toda a família, acarretando escassez de público em suas exhibições.

Analisando o primeiro ponto citado no parágrafo anterior, vemos que é necessário reconhecer o desconhecimento pela população picoense do valor oriundo da tela cinematográfica. Este aliava a função de entretenimento a de ampliação do conhecimento e visão de mundo, no entanto, desprezado pelos picoenses, nesse momento. Vale ressaltar ainda que nesse espaço eram estabelecidas as relações de sociabilidade e de amizade, tornando-se ponto de encontro para a juventude e sociedade de modo geral.

O segundo ponto a ser discutido abrange uma grande massa de populares que tinham o interesse, mas não tinham condição financeira suficiente para poderem

---

<sup>22</sup> MAIA, Maria Nunes. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

proporcionar tal vivência para si e família. Por isso, muitos populares esperavam uma data oportuna, uma data especial, planejavam-se a priori para que nesse momento conseguissem levar toda sua família.

Como conclusão, tiramos que o cine contemplava vários tipos de público. A classe alta tinha recursos, mas não era tão assídua nas exhibições, apenas no período inicial do cine, a classe média era a mais participativa e a classe mais baixa, na maioria das vezes, não tinha recursos financeiros suficientes para participar ativamente das apresentações fílmicas, embora tivesse o interesse.

Um fato de natureza técnica que dificultou o funcionamento e a abertura das salas de cinema no Brasil foi a insuficiência de energia elétrica. Em PICOS não foi diferente, pois nem sempre seu povo teve o privilégio de ter uma companhia energética suficientemente capaz de propiciar tal bem a todos. Por isso, as exhibições cinematográficas estavam à mercê das deficiências oriundas da precariedade de energia, o que dificultava ainda mais as exhibições, pois gerava na população a incerteza de conseguir ou não assistir ao filme completamente.

Pelo alto valor de investimento para o melhoramento do espaço, aluguel dos filmes que seriam exibidos aqui e por fim a falta de público para assistirem as exhibições cinematográficas, o Senhor Lousin Monteiro acabou optando pelo fechamento da primeira casa de exhibição cinematográfica de Picos.

Antes do fechamento foi proporcionado ao público um último filme: Romeu e Julieta, mas mesmo nesse momento o povo picoense não se fez presente ao cine, apenas corroborando com a idéia já tomada pelo proprietário de que não fazia sentido manter esse cine aberto, apenas gerando mais e mais despesas de custo.



Fotografia 02: Capa do Filme Romeo and Juliet - 1936

Fonte: Disponível em: < <http://www.clubecinema.com/filme.asp?filme=30689>>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2013

A entrevistada a senhora Iná Monteiro, ao falar sobre o fechamento do Cine Odeon, diz: “num dava valor e ele gastou muito, fez um investimento muito alto e no decorrer do tempo ele foi obrigado a fechar o cinema por falta de... de público, foi obrigado a fechar o cinema”<sup>23</sup>.

Com o fechamento, o Senhor Lousin Monteiro deparava-se com um novo questionamento: O que fazer com as cadeiras, o maquinário e o equipamento de som do Cine?

Logo encontrou suas respostas, pois a Prefeitura Municipal de Oeiras, proprietária do Cine-Theatro de Oeiras-PI, cidade localizada a 86km de Picos, decidiu comprar todas as cadeiras utilizadas no cine Odeon. Estas não mais se encontram nesse cine Theatro, pois por ocasião da realização de reformas estruturais no prédio foi decidido pela troca das mesmas. De todo o equipamento de som apenas o microfone têm-se notícia, tendo sido doado ao Museu Ozildo Albano, estando até hoje sob sua custódia e zelo. Segundo a senhora Iná Monteiro: “[...] tinha um alto-falante que até foi doado para o museu de Ozildo Albano [...]”. E o maquinário foi vendido para um cine que estava sendo construído em Campo Maior-PI, cidade localizada a 390km de Picos.

<sup>23</sup> MOURA, Joaquina Rodrigues de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.



## 1.2 Cine Guarani

Na metade da década de 40, chega a Picos-PI o senhor João Aprígio de Alencar Bezerra com sua família para montarem residência e trabalharem, estes, sendo naturais da cidade de São Julião-PI, cidade próxima a Picos. Após ter se instalado, o senhor João Aprígio monta uma loja de tecidos no centro da cidade.

Seus filhos foram inscritos no exame de admissão ao Ginásio Estadual Picoense<sup>24</sup>. Após terem sido aprovados, logo foram matriculados para que pudessem começar a estudar.

A senhora Olívia Rufino se lembra de ter estudado com o filho do senhor João Aprígio, ao dizer: “tinha até um filho<sup>25</sup> que estudava no ginásio junto com a gente”<sup>26</sup>.

Devido à cidade de Picos ainda dispor de poucos espaços de lazer e sociabilidade que pudessem acolher a todos, é que o senhor João Aprígio toma a decisão de criar uma nova casa fílmica. Entretanto, depara-se com uma questão bastante relevante. Onde funcionará esta casa de exibição? Para que um novo cine pudesse funcionar era necessária a utilização de um espaço que pudesse comportar toda a estrutura de uma casa de exibição, então, nesse momento é que o senhor João Aprígio de Alencar Bezerra teve a ideia de alugar o espaço do antigo cine, o Odeon. A ideia foi aceita pelo proprietário do espaço e então surge em Picos a segunda casa de exibição de filmes, o cine Guarani.

A entrevistada confirma essa informação ao dizer que: “[...] depois aquele salão que era dos Monteiro onde funcionava o Cine Odeon foi alugado por um Senhor chamado João Aprígio Bezerra, [...] e ele começou ali no mesmo local, aproveitando as instalações, o Cine Guarani [...]”<sup>27</sup>.

Essa informação também é corroborada pelo autor Renato Duarte ao dizer que esse cine, era “localizado na esquina da travessa Lourenço Pereira, conhecida como beco da Praça, no prédio nº 637 da Praça Félix Pacheco”<sup>28</sup>.

Infelizmente pouco se conhece sobre as vivências desse cine na cidade, nem

---

<sup>24</sup> Para ingressar no Ginásio, os jovens deveriam passar por um exame de admissão, caso não fossem aprovados não poderiam estudar nessa escola.

<sup>25</sup> O filho do senhor João Aprígio mencionado pela senhora Olívia Rufino chama-se Luís de Alencar Bezerra.

<sup>26</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>27</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>28</sup> DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. ed. Ver. Amp. Recife: Gráfica Ed Nordeste, 1995, p. 39.

como o proprietário arrumou o maquinário necessário e nem como ele se desfez dos mesmos. Essa é uma lacuna existente devido à distância temporal e às poucas fontes orais encontradas que pudessem ajudar a reconstruir tal período histórico.

Contudo, ainda estava guardada na memória da entrevistada a música de abertura das apresentações fílmicas do cine Guarani: “me lembro da música da entrada que era ‘tico-tico no fubá’ do Zequinha de Abreu, ali na base do piano”<sup>29</sup>.

Vale ressaltar que a presença de um acompanhamento musical nas salas de exibição cinematográfica durante o período do “cinema mudo” era algo muito importante para o desenvolvimento da sessão, não apenas no cenário local, como também no cenário nacional e mundial. Não só tocando a música que seria conhecida como de abertura pelo público, mas também servindo de acompanhamento durante as cenas com o intuito de proporcionar mais realismo. Nesse momento, ainda eram exibidos ao público picoense filmes mudos e em preto e branco, contudo o cine já contemplava uma aparelhagem que dispunha de sonorização.

Com relação à divulgação, esta era feita de três formas:

1º- a cidade era pequena, contudo já contava com a Rádio Luar do Sertão<sup>30</sup>, inaugurada na década de 1940, que consistia no único veículo de comunicação de massa acessível a todos os picoenses<sup>31</sup>;

Segundo a historiadora Karla Pinheiro a rádio *Luar do Sertão*:

Era destinada a todos os públicos, pois [...] levavam entretenimento a crianças, jovens e adultos, assim como servia como utilidade pública na divulgação de ofertas de empregos e produtos, tendo ainda, a função de atualizar os cidadãos sobre os acontecimentos, através da leitura que era feita dos jornais impressos<sup>32</sup>.

2º- A existência dos cartazes colocados em frente ao cine e também espalhados pelos locais de maior trânsito, e;

3º- As pessoas davam um jeitinho de ir convidando os amigos e estes outros amigos, claro, quando o filme chamava a atenção. Isso é notado nas palavras da entrevistada Olívia Rufino: “[...] cartazes eram exibidos na parede e a cidade era

<sup>29</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>30</sup> A amplificadora Luar do Sertão tinha como proprietário o senhor Chico de Júlio.

<sup>31</sup> DUARTE, op. cit., p. 62.

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Geografia dos Desejos: Cidade, Lazer, Gênero e Sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. 80 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí, 2011.

pequena, a cidade era tão pequena que a notícia corria, a gente sabia, e as pessoas que gostavam se encarregavam de convidar os outros que era, uma, uma divulgação boca a boca”<sup>33</sup>.

De acordo com a entrevistada, além de exibições cinematográficas o cine tinha também outras funções, pois “no Cine Guarani também chegaram artistas, um conjunto de música e que se apresentaram lá no Cine Guarani, tinha também essa função”<sup>34</sup>. Ou seja, além das exibições cinematográficas sempre que havia a possibilidade, o povo picoense era contemplado com a oportunidade de assistir a apresentações musicais, ou seja, grupos vindos de outras regiões que por aqui passavam e faziam parada nesse cine.

Também é importante frisar os problemas oriundos da energia elétrica, pois os horários das apresentações estavam restritos ao limite de funcionamento da usina a lenha, esta era a única mantenedora de toda a energia elétrica da cidade de Picos. Por isso, no cine Guarani as exibições eram preferencialmente feitas durante o dia, principalmente aos domingos e feriados. Além das limitações já impostas pela dificuldade em conseguir o filme a ser exibido, também tinha o contratempo da eletrificação precária. Tudo isso, veio posteriormente a contribuir para o fechamento desse cine.

### 1.3 Cine Ideal

Existiu também em Picos o Cine Ideal, este tinha como proprietário o sargento Dermeval que veio a Picos como chefe do tiro de guerra<sup>35</sup>. Sua função naquela época era recrutar jovens picoenses para o exército.

A senhora Olívia Rufino lembra-se do sargento Dermeval e de sua função ao chegar a Picos: “[...] sargento Dermeval, que era aquele cara que cuidava do chamado tiro de guerra, antigamente aqui em Picos não existia o 3º BECnst e esse sargento veio pra cá, pra começar o alistamento da rapaziada [...]”<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>34</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>35</sup> O Tiro de Guerra, conhecido como TG, é uma instituição militar do Exército Brasileiro encarregada de formar reservistas para o exército. Os TGs são estruturados de modo que o convocado possa conciliar a instrução militar com o trabalho ou estudo. A organização de um TG ocorre em acordo firmado com as prefeituras locais e o Comando da Região Militar. O exército fornece os instrutores, fardamento e equipamentos, enquanto a administração municipal disponibiliza as instalações.

<sup>36</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

Contudo, ao chegar a Picos, acabou se casando e constituindo família, o que o motivou a residir nesta cidade.

[...] Sargento Dermeval um cara que vinha de umas cidades mais adiantadas que Picos e muito empreendedor ele achou que ia dar muito certo, inclusive pra fazer um trabalho na cidade, que ele chegou aqui solteiro, casou com uma moça daqui, de Picos, fundou a família dele [...]

Após ter constituído família em Picos, viu a oportunidade de fazer algo novo e diferente. Pensou em um bar, que tivesse espaço para o lazer e encontro, voltado para todas as idades e por fim no espaço restante do prédio, um cine. Qual nome dar? Bem, encontrou um lugar Ideal, bem colocado no cenário local, por está situado onde todos os transeuntes picoenses vinham para passear ou trabalhar. Está decidido, o nome será Cine Ideal. Estima-se que sua criação tenha ocorrido no início da década de 50 do século XX.

De acordo com Olívia Rufino “juntou eu acho a vontade de fazer alguma coisa na terra que já era dele, já que ele casou aqui, também com a idéia de ganhar dinheiro porque realmente dava pra ganhar do jeito que ele tinha tudo ali [...]”<sup>37</sup>

O cine Ideal foi fundado onde atualmente está localizada a Agência do Banco do Brasil S.A, na Praça Félix Pachêco, como estava situado bem na esquina, esta na época ficou conhecida por Esquina Ideal.

De acordo com Renato Duarte “o cine Ideal, fazia parte de um complexo de diversões chamado de Esquina Ideal, que incluía ainda a Sorveteria Ideal”<sup>38</sup>.

Além do espaço onde eram exibidos os filmes, também existia a mesa de pingue-pongue, a sinuca e o bar, lugar em que a juventude picoense juntava-se para conversar e esperar as exhibições cinematográficas começarem. “[...] Picos não tinha outras diversões, então à noite a gente ia pra lá pra jogar pingue-pongue, pra jogar sinuca, beber alguma coisa e assistir o filme [...]”<sup>39</sup>.

A partir disso, podemos perceber pelas palavras da entrevistada que a cidade de Picos ainda não dispunha de muitos lugares de lazer e diversão, tendo por consequência direta a ida do povo picoense, em sua maioria a juventude, encontrar-se na Esquina Ideal, ponto de encontro, de brincadeiras, de namoros, de

---

<sup>37</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>38</sup> DUARTE, Op.cit., p. 39.

<sup>39</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

sociabilidade e lazer. Além do espaço destinado ao cine, o sargento Dermevel preparou o ambiente para o momento anterior às exibições. O público que vinha ao cine Ideal para assistir aos filmes, chegava com antecedência por ter o intuito de encontrar os amigos, conversar, brincarem de sinuca, pingue-pongue, paquerar e até namorar. Já com os bilhetes na mão e seus respectivos pares é chegada a hora de entrar, contudo todos esperavam pela música de abertura, pois através dela era sabido que o filme já tão logo começaria. Agora, todos correndo o filme já vai começar.

De acordo com dona Olívia Rufino, além das exibições cinematográficas, também foram trazidas pelo proprietário, o sargento Dermeval, algumas apresentações teatrais.

Eu lembro também que chegou aqui também um desses artistas que de lá do sul [...] uma pequena companhia de teatro aqui e eles se apresentaram também lá no palco do Cine Ideal, apresentaram uma peça lá, não tô lembrando aqui o nome, mais eles passaram, fizeram uma temporada aqui, capaz de terem passado uma semana, eu não me lembro bem, mas quando chegava alguém aqui, se apresentava lá<sup>40</sup>.

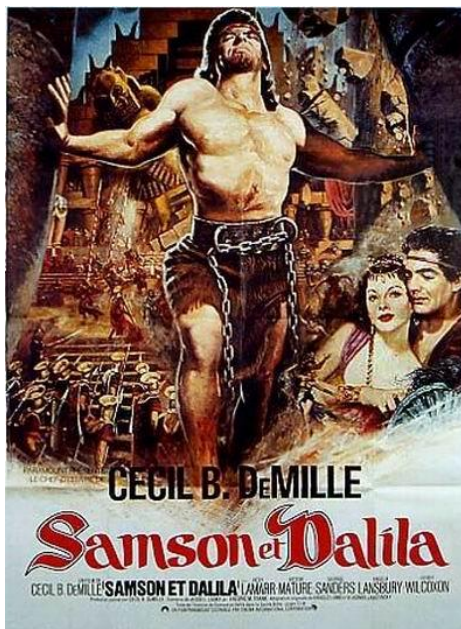
Com relação aos filmes que eram exibidos nesse Cine, percebe-se na fala da entrevistada o quanto eram apreciados pelo público, lembrando ainda quais gêneros eram mais assistidos e até os títulos de alguns desses filmes.

O Cine Ideal, o sargento caprichou, passava uns filmes bons, mais naquele tempo a maior quantidade de filmes que a gente assistia geralmente eram filmes do faroeste americano e algum filme de aventura coisa, tipo Sansão e Dalila, tipo Enéas, aqueles heróis e geralmente mitológicos na maior parte deles, com histórias de religião e também aventuras.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>41</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.



Fotografia 03: Capa do Filme Sansão e Dalila - 1949

Fonte: Disponível em: < <http://blogdoprofessorandrio.blogspot.com.br/2012/09/filme-sansao-e-dalila-1949.html>>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2013

O senhor Dermeval percebeu que se dividisse o filme em várias etapas, conseguiria segurar o público interessado em assistir a totalidade do filme, o que geraria como consequência direta além da atração diária, uma melhor renda, devido a casa está cheia.

Segundo Olívia Rufino,

Me lembro que no Cine Ideal passou uma série, coisa inédita naquele tempo e era uma, uma esperteza do dono do cinema, da casa de projeção porque assim eu assistia a primeira então também assistia a segunda, a terceira era até uma série coisa do espaço, uma aventura espacial, coisa que muita gente aqui nem gostava, dizia que achava que era uma fantasia, mais eu, sendo filme pra mim, qualquer um que passasse, eu tava lá<sup>42</sup>.

Para que as pessoas pudessem saber quais seriam os filmes apresentados nas exhibições, o sargento Dermeval utilizava o mesmo modelo de divulgação iniciado pelo cine Guarani. Eram três modos bem específicos: A amplificadora Luar do Sertão, os cartazes e por fim, a divulgação 'boca a boca' feita pelo próprio público.

É importante frisar que nesse cine o modo de divulgação mais significativo era o terceiro (boca a boca), pois, além de cine, nesse espaço também funcionava um ambiente propício ao encontro e a socialização, pela existência do bar e de seus

<sup>42</sup> BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

atrativos, como: a mesa de pingue-pongue, sinuca etc, acontecendo, portanto o desenvolvimento de redes de informações.

Os interessados em assistirem aos filmes logo tratavam de convidar os amigos, a família e o namorado ou a namorada. No fim, tudo se ajeitava.

Outro ponto relevante a ser lembrado é a questão oriunda da energia elétrica. No momento da trajetória do cine Ideal, este ainda enfrentava um problema no tocante a energia elétrica, pois esta não era suficiente. O que ainda existia em Picos era uma usina a lenha que gerava a energia elétrica a ser utilizada, das 06hs às 22hs.

Às 22hs em ponto, escutava-se o toque do sino, como se fosse um toque de recolher, entretanto era apenas um aviso a todos que estivessem fora de casa que as luzes da cidade iriam se apagar em poucos instantes.

Havia momentos em que acontecia apenas o apagão, devido a problemas técnicos no gerador elétrico. Nesse caso, como o sargento Dermeval resolvia com os expectadores que haviam pago, mas não veriam o final do filme? Bem, agia de duas formas distintas: Primeiro, ele podia remarcar para que aqueles que ali estivessem pudessem em outro dia assistir ao final da película fílmica ou como segunda opção, ele mesmo contar o fim da história ao público que havia assistido até aquele momento e que estava ansioso por saber o desfecho final da narrativa.

Como relata Rocha, por ter ouvido do senhor Ozildo Albano as histórias sobre esse cine,

Ele me contou isso, ele estava assistindo um filme e aí deu problema na energia e o filme parou antes de terminar a exibição. Aí o sargento Dermeval disse que ninguém saísse que ele ia terminar de contar a história do filme (risos). Aí ele subiu lá pra o palcozinho, contou a história e eles foram felizes era uma história de romance, terminou dizendo e eles foram felizes para a vida inteira aí todo mundo se levantou e bateu palmas, se deu por satisfeito<sup>43</sup>.

A chamada Esquina Ideal atraía a atenção de muitos jovens diariamente, tornando possível a frequência constante tanto nas exibições fílmicas quanto nas atividades de lazer proporcionadas pelo barzinho e jogos de diversão.

O Cine Ideal foi fechado nos anos finais da década de 50 do século XX e, portanto, teve um percurso duradouro na cidade.

---

<sup>43</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

## 1.4 Cine Alvorada

Com o fechamento do cine Ideal surge na cidade o cine Alvorada, este criado pelo senhor Luís Rodrigues Santos e o senhor Antônio Rodrigues Santos. Tendo sido criado nos final da década de 1950 e início da década de 1960. Os irmãos Santos aproveitaram o espaço da *Sociedade Civil Picoense Clube*, conhecido apenas por Picoense Clube, na época situada na Rua Coronel Francisco Santos, onde atualmente funciona o escritório de advocacia do Deputado Tadeu Maia. Este espaço se diferencia dos demais cines pela localização, pois enquanto todos os demais foram construídos e funcionaram ao redor da Praça Félix Pachêco, esse esteve na Rua Coronel Francisco Santos, próximo ao atual prédio da Previdência Social – INSS.

Rocha refere-se ao cine Alvorada ao dizer que,

Assisti filmes no Cine Alvorada. Cine Alvorada era de seu Luís, seu Luís Santos, e seu Toinho Santos [...]. Cine Alvorada, ele funcionava no prédio na rua Coronel Francisco Santos, onde hoje funciona o escritório de advocacia do deputado Tadeu Maia. Tadeuzinho, Tadeu Maia, Dr Luciana Rêgo e Tadeuzinho. Na época do picoense clube mesmo, seu Luís aproveitava o salão do Picoense Clube pra fazer exibição de filmes<sup>44</sup>.

O espaço físico era amplo e ventilado, havia bastante espaço. Para as apresentações, os irmãos Santos utilizavam tanto a tela pequena postada dentro do Picoense Clube, como a parede branca do muro que era bem maior, este último faz menção às primeiras exibições cinematográficas já realizadas no Brasil e no mundo, pois eram feitas na rua utilizando as paredes brancas como tela.

De acordo com a senhora Maria Eunice,

Em relação ainda ao Cine Spark da Rua Coronel Francisco Santos, quando o filme era de uma tecnologia mais evoluída, então ele era exibido no muro, onde a própria parede do muro serviria de tela, porque exigia uma tela maior e aí com isso, dentro do salão era uma tela pequena, pra filme de uma tecnologia mais atrasada<sup>45</sup>.

As cadeiras ficavam espalhadas por todo o ambiente. O expectador é que

---

<sup>44</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>45</sup> TEIXEIRA, Maria Eunice Soares. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.



tentava encontrar o lugar que melhor o favorecesse no momento de assistir ao filme. Segundo a entrevistada “eu me lembro onde ficava as bandas e ali todo mundo queria sentar ali porque tinha uma boa visibilidade”<sup>46</sup>. O lugar onde ficavam as bandas era mais elevado do que o restante do piso, sendo um lugar de destaque e disputa por todos aqueles que procuravam uma boa visualização.

Com relação aos horários de funcionamento, o Picoense Clube funcionava diariamente e durante todo o dia. Então, quando eram apresentadas as exibições cinematográficas? Obviamente a noite. Durante o dia o espaço funcionava como clube recreativo e a noite como cinema. Essa ideia é corroborada pela senhora Maria Eunice Soares Teixeira que diz “Ali era clube durante o dia e a noite ele era cinema”<sup>47</sup>.

A entrevistada, Rocha, lembra um dos filmes por ela assistidos: “Um dos filmes que assisti lá naquele local que era chamado de Cine Alvorada foi o filme *La Violetera*<sup>48</sup> com *Sarita Montiel*. Me lembro como se fosse hoje”<sup>49</sup>.

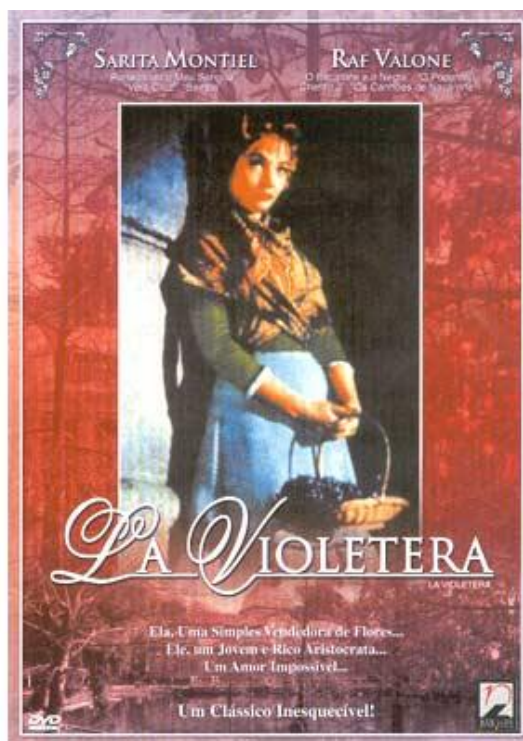
---

<sup>46</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>47</sup> TEIXEIRA, Maria Eunice Soares. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>48</sup> Esse filme tem como gênero o romance e foi lançado no ano de 1958, pelo estúdio New Line, um longa metragem de 108 minutos e dirigido por Luís Cesar Amadori.

<sup>49</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.



Fotografia 04: Capa do La Violetera - 1958

Fonte: Disponível em: <<http://www.sinopsedofilme.com/assistir/4263/la-violetera>>.

Acesso em: 20 de Janeiro de 2013

Ainda é marcante no imaginário daqueles que tiveram a oportunidade de assistirem a essas exibições, mesmo os filmes sendo apresentados de forma rústica e sem muito preparo, entretanto esse momento é lembrado com grande saudosismo por todos.

A senhora Oneide Rocha diz guardar “inclusive uma fitinha do filme [...]”<sup>50</sup>. Essa prática mencionada pela entrevistada era tradicional entre as crianças. A juventude guardava os cortes feitos das películas fílmicas para que pudessem posteriormente brincar, reinventar os diálogos e ainda colecionar. A juventude tinha o poder de criar e recriar toda uma história a partir daqueles pequenos fragmentos, dando voz à imaginação.

Após termos feito a reconstrução da narrativa histórica sobre os cines existentes na cidade de Picos, da década de 1940 a 1962, passemos ao próximo capítulo em que discutiremos especialmente sobre o cine Spark, seus aspectos estruturais, seus mecanismos de funcionamento, apresentando ainda os sujeitos que direta e indiretamente contribuíram para sua existência.

<sup>50</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

## 2 O SPARK VISTO DE DENTRO

Pensar na atuação cinematográfica do Spark é viajar para uma época em que Picos parece desabrochar culturalmente. O povo acompanha passo a passo a construção e o nascer daquele espaço que incluía e excluía inúmeros sujeitos históricos diariamente. Despertava sensações e emoções, o deslumbre, o apego, o querer participar e estar presente. Eram sentimentos vividos, pois fazer parte do cotidiano do Spark era fazer parte das transformações e da vida urbana da cidade. O entrar, o sentar e o abrir das cortinas representava no imaginário das pessoas um mundo e um leque de possibilidades que surgiam a partir desse momento. Os sujeitos vivem essas experiências, têm contato com outras terras, com outros povos a partir da película fílmica.

Nesse segundo capítulo intitulado de “O Spark visto de dentro”, leva você, leitor, a conhecê-lo como era visto a partir do olhar dos sujeitos, funcionários e colaboradores diários que direta e indiretamente contribuíram para que o Spark conseguisse alcançar os seus quase 20 anos de funcionamento, marcando com saudosismo sua passagem pela cidade e lembrado sempre que o assunto são os tempos de ouro de Picos.

Então, agora, convido você, leitor, para vir e, comigo, participar dessa incrível viagem no tempo a partir de 1964, com a inauguração do Spark.

### 2.1 Inauguração do Cine Spark

Como já mencionado no I Capítulo deste texto o senhor Antônio Rodrigues Santos e o senhor Luís Rodrigues Santos tiveram a ideia de criar um cine chamado de Alvorada no espaço em que funcionava a *Sociedade Civil Picoense Clube*, conhecido por todos como Picoense Clube, na Rua Coronel Francisco Santos. Esse cine tinha grande fluência de público, contudo o espaço não era adequado para as exposições, pois em alguns momentos, os filmes, por serem mais evoluídos tecnologicamente, eram até exibidos no muro sendo aproveitada a parede branca do mesmo.

Nesse momento surge a ideia de ser construído um espaço que poderia com louvor contemplar as exposições cinematográficas e, além disso, atividades culturais, artísticas de tipos diversos. Então, é aí que os senhores José Bezerra Rodrigues e

Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues são convidados a participar dessa empreitada, a construção e posterior manutenção do cine.

Essa informação é corroborada, pela entrevistada “[...] depois uma sociedade formada por Antônio Rodrigues dos Santos, Luís Rodrigues Santos, Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues, o Chico de Júlio, e José Rodrigues, José Bezerra Rodrigues compraram e construíram o cinema”<sup>51</sup>.

Os irmãos Bezerra e Santos já haviam montado uma parceria de sucesso anterior à construção do cine, chamada de Representações Bezerra e Santos Ltda, que estava localizada na Avenida Getúlio Vargas, onde atualmente funciona a funerária Pax União. Esta empresa trabalhava com materiais de construção.

O próximo passo foi a compra do local que seria construído o cine Spark. É importante frisar que antes de este espaço ser transformado em uma casa de exibição cinematográfica era apenas uma casa residencial, como qualquer outra, contendo: sala, quartos, banheiros e cozinha. Funcionava como república, pois os funcionários do Banco do Brasil S.A a utilizavam como moradia. Isso é visto nas palavras da entrevistada: “Eu me lembro da construção do Cine Spark, antes naquela casa, moraram várias pessoas inclusive como a República do pessoal do Banco do Brasil, funcionários do Banco do Brasil, [...]”<sup>52</sup>.

O lugar era bem central, pois estava localizado ao redor da Praça Félix Pachêco e em toda a história dessa cidade essa praça foi considerada sempre como um ponto de referência para todos os que aqui moravam como também para que os que vinham de fora. Era um lugar de lazer e sociabilidade das pessoas, em que, por exemplo, os casais de namorados gostavam muito de passear e se encontrarem. Também era ao redor desse espaço que estavam localizados os pontos comerciais da cidade, bares e sorveterias, ocasionando a atração. Além da juventude, também vinham à praça os senhores e senhoras para resolverem seus problemas, comprarem mercadorias e, por fim, passearem com suas famílias. Este era o lazer da grande massa de picoenses, pois era um espaço público arborizado, central e de visibilidade, além, é claro, de ser gratuito, contemplando a todos indistintamente.

De acordo com a senhora Oneide Rocha,

[...], o cine Spark foi construído no coração da cidade, né? A Praça

---

<sup>51</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>52</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

Félix Pachêco, é, ela é um ponto de referência, sempre foi um ponto de referência política, todos os comícios aconteceram ali, o ponto de referência social, local do encontro da juventude picoense, é, lá é onde tinha todos os bares e sorveterias, era o point de diversão da cidade, centro comercial, então um local, muito, um, um prédio muito bem localizado no paredão no centro da cidade sem dúvida isso influenciou, influenciou.<sup>53</sup>

Com o fim de todo o processo de construção do espaço físico é chegado o dia da inauguração. O dia escolhido foi 26 de Agosto de 1964, ficando este registrado na memória de todos que puderam vivenciar a histórica inauguração do cine Spark, na cidade de Picos-PI.

E como esperado, o dia da inauguração foi cheio de brilho. A sociedade picoense lotava os assentos do cine, ansiosos por sua primeira exibição e por lá estarem, sendo atores importantíssimos para a construção desse momento histórico.

O filme exibido foi: *Viagem ao Planeta Proibido*, filme de ficção científica, produzido no ano de 1959 nos Estados Unidos da América e que tratava de

uma expedição tripulada à Marte que perde contato com a Nasa, que utilizando um comando remoto. Após conseguirem trazer a espaçonave de volta à Terra a Dra. Irish (Nora Hayden) é resgatada sem memória, como também o Cel. Tom O'Bannion (Gerald Mohr) inconsciente e com uma estranha infecção alienígena no braço. Os cientistas sem noção do que fazer tentam recuperar a memória da médica, na esperança de descobrir o que causou tal contaminação no astronauta, como também saber o destino dos outros tripulantes e os trágicos acontecimentos na superfície de Marte. Aos poucos a Doutora Irish vai lembrando os horrores que os membros da expedição passaram durante os 05 dias no Planeta Vermelho, cercados de monstros alienígenas e uma possível civilização marciana hostil e poderosa. Logo o comando da Nasa e o povo da Terra iriam descobrir que Marte seria um planeta proibido aos seres humanos<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>54</sup> Sinopse do filme *Viagem ao Planeta Proibido*. Disponível em: <<http://cinespacemonster.blogspot.com.br/2010/05/angry-red-planet-1959.html>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2013.



Fotografia 05: Capa do filme *Viagem ao Planeta Proibido* - 1959

Fonte: Disponível em: < <http://cinespacemonster.blogspot.com.br/2010/05/angry-red-planet-1959.html>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013

Ao lembrar-se desse filme, o primeiro do Spark, a entrevistada mesmo não estando em Picos, no dia inaugural, faz referência ao que seus amigos lhe contaram ao mencionarem sobre a inauguração.

O primeiro filme, [...] eu só sei que só tenho consciência que queriam outro filme, um filme mais clássico só que não tinha e veio um filme, mas de ficção científica e decepcionou o pessoal que nunca tinha assistido um filme, que não entendeu nada (risos), o que era aquilo<sup>55</sup>.

Ou seja, o público esperava assistir a um filme clássico, o que de fato não ocorreu, pois como já visto acima, o filme exibido foi de ficção científica gerando descontentamento pelo fato de alguns não terem conseguido entender a idéia trazida pela película. Muitos estavam ali tendo o seu primeiro contato com uma casa de exibição, não sendo familiar ao ambiente escuro, tendo havido, portanto, um choque de percepções e sensibilidades, no tocante ao espaço e a película que se mostrava bem inovadora para o momento e para o público. É importante ressaltar, que assim como menciona a entrevistada, que houve pessoas descontentes com a película, também houve pessoas que apreciaram a inovação trazida pelos diretores

<sup>55</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

do Spark e buscaram compreender o que aquela história que se apresentava diante de seus olhos queria representar.

Sendo valioso perceber que nessa noite não era o filme que brilhava, mas sim as pessoas que iluminavam a Praça Felix Pachêco e especialmente o cine Spark.

Segundo relato da entrevistada “no dia da inauguração a fila foi lá na pracinha Josino Ferreira”<sup>56</sup>, como já era esperado, pois o povo picoense acompanhava pacientemente aquele que seria um espaço de lazer, de interação, de aprendizagem e de ampliação dos conhecimentos.

## 2.2 Viagem Mágica

Pensemos a realidade de um jovem picoense (vamos chamá-lo de Joaquim), que almeja vislumbrar-se com a oportunidade de participar de uma exibição cinematográfica. Hoje é 26 de Agosto de 1964 e ocorrerá a inauguração do cine Spark. O jovem Joaquim deseja ir a essa festa inaugural, contudo deve ainda enfrentar algumas barreiras e para que essas tornem-se claras a você, caro leitor, decidi acompanhá-lo até lá. Visualizando todo o percurso até o sentar na cadeira. Vamos, acompanhe-me e viaje comigo até o ano de 1964 em que narraremos o dia 26 de Agosto, a famosa inauguração do Spark.

Joaquim: Acordei com o carro de som do Senhor Jaguar Propaganda, anunciando: Venham todos, hoje, 26 de Agosto, a tão esperada data chegou – Inauguração do cine Spark com o filme *Viagem ao planeta proibido*. Logo, dei um salto de minha cama e corri para ouvir de perto aquele anúncio.

Joaquim: Mãe, a senhora ouviu o que dizia aquele senhor no carro volante?

Mãe: Sim, filho, ouvi.

Joaquim: Será que posso ir?

Mãe: Filho, esse não é o seu lugar. Lá só estarão gente da sociedade e nós somos pobres, seremos desprezados.

Joaquim: Não, mãe. Lá também tem lugar pra nós. É só a gente pagar a entrada. A senhora num viu o moço do carro volante dizendo, não?

Mãe: Tudo bem, contudo, o dinheiro anda muito curto aqui em casa e ainda preciso ver se teremos condições.

---

<sup>56</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

Joaquim (pensando a angústia da espera): O dia passa devagar, lentamente ou serei eu que ansioso estou pelo fim do dia, pelo anoitecer para que possa sair, encontrar meus amigos, meus colegas e então poder assistir àquele filme que fora anunciado no carro volante.

A mãe me chama e diz: Olhe, penso que não temos condições de irmos todos ao cine, mas te darei o dinheiro suficiente para sua entrada.

Oba, mãe! Em completa alegria, diz Joaquim.

Joaquim: Agora, poderei ir ao cinema. É chegada a hora e tenho que escolher a roupa apropriada. Devo usar minha melhor roupa, pois todos estarão no cine. Testo uma roupa, duas, três e nada.

Joaquim: oh, meu Deus! Como irei se não tenho uma boa roupa para vestir?

Continuo a testar todas as roupas até que consigo encontrar algo que me cai bem, calço os sapatos para então ir ao encontro de meus pais que estão a me esperar na sala, antes de minha partida.

Pai: Tome este dinheiro, acho que será suficiente para que possa assistir ao filme.

Mãe: Filho vá com cuidado e logo que o filme acabar volte para casa.

Joaquim: Tudo bem, mãe. Bença mãe e bença pai.

Moro uns 10km do cine, em um bairro mais afastado e por a cidade ainda não está iluminada sinto-me solitário nessa andança até o cine.

Joaquim (pensando): Como é longe esse cine.

Caminho, caminho até lá chegar. Estou chegando, vejo as luzes da Praça Félix Pachêco, cheia de gente a andar de lá para cá, e daqui para lá. Muitos jovens, muitos senhores e senhoras da sociedade tão bem vestidos, elegantes. Nossa que moças bonitas. Elas não são pra mim, pois sou filho de agricultor e não tenho recursos. Olha aqueles rapazes tão cheios de si, as meninas todas olhando pra eles. Olho pra minha roupinha tão simples, tão humilde e vejo o quanto estou isolado, afastado dessa realidade.

Ah! Que bom! Vejo os meninos ali.

Joaquim: Olá, como vocês estão?

Amigos: Estamos bem e você?

Joaquim: Também, apenas estava sozinho e, vendo todas essas pessoas estava sentindo-me tão isolado. Pensei em até em desistir por ter que entrar aí sozinho.



Paulo (Amigo): Você sabe de que fala o filme que vai passar hoje?

Joaquim: Sei não, quero apenas assisti-lo. Vocês já compraram o ingresso?

Jefferson (Amigo): Ainda não. Ninguém comprou ainda. Não é mesmo Augusto?

Augusto (Amigo): É sim. Eu também não comprei.

Joaquim: Pois vamos juntos e logo, antes que acabem, que com toda essa gente pode ser que acabe.

Chegando a bilheteria pegamos uma enorme fila, ficamos em destaque por estarmos no paredão. Visualizamos todos de maneira privilegiada. E quando chegou nossa vez pudemos comprar o ingresso à dona Gracinha<sup>57</sup>.

Agora, é hora de pegar a próxima fila, a de acesso ao cine.

Joaquim: Nossa, que fila grande!

Paulo (Amigo): É sim, mas se quisermos entrar teremos que esperar.

Joaquim: Então vamos procurar o fim da fila.

Augusto (Amigo): Venham! Eu já achei. A fila termina na pracinha Josino Ferreira.

Depois de muita espera, conseguimos entrar.

Joaquim: Vamos escolher um bom lugar e ficarmos todos juntos. Vamos, vamos logo.

Jefferson (Amigo): Aqui, aqui, venham, acho que esse lugar é ótimo.

Após termos visualizado o dia da inauguração é de suma importância ressaltar algumas questões que precisam ser consideradas, por exemplo: Por que o cine chamado por todos de “popular”, tanto incluía como excluía sujeitos históricos? Por que considerar a roupa como um elemento excludente desse espaço? E por fim, por que a distância e as péssimas condições para se chegar ao cine interferiam na presença de público?

Bom, o primeiro ponto é importantíssimo, pois vamos considerar a dificuldade financeira existente pelo povo picoense. Ora, essa sociedade em sua grande maioria não era detentora de grandes recursos financeiros. As famílias eram sempre muito grandes, e os poucos recursos tinham de ser divididos de forma a contemplar todas as suas necessidades.

---

<sup>57</sup> Maria das Graças Barbosa Rodrigues é conhecida por todos da cidade de Picos-PI como Gracinha do Cinema, por ter trabalhado no Cine Spark na venda de ingressos.

Oneide Rocha lembra as palavras de seu pai e como o mesmo argumentava com os filhos sobre os custos demandados pela frequência ao cine cotidianamente.

Assim, às vezes a dificuldade era um pouco financeira, porque num dava pra todos os filhos, sete filhos ir pro cinema, não é assim, não pode ir filme todo dia não, vamos deixar pra os filmes fim de semana ou então quando passar uma fita, um filme bom que vocês queiram ir, mas não pode tá em cinema todo dia não, porque é caro, e gasta e vocês são muitos.<sup>58</sup>

Em entrevista com Barros, O. B. (2012), este afirma considerar os preços das entradas como baratas, mas então o porquê de o cine excluir a tantos sujeitos históricos? Bem, ele explica isso ao dizer:

[...] Ele era popular, preços baratos e tudo. Agora, o problema era que a gente não tinha, nem pouco. Era bolso liso, limpo mesmo. Não existia esse negócio de filho receber mesada, era aquele período pelo menos na década de 60, foi quando eu vim pra cá pra Picos, do interior pra Picos, a gente veio sem nenhum centavo no bolso, né? A gente era mantido em casa e tudo, mas não tinha essa questão, até porque nossos pais não tinham condições de dar mesada, era uma luta pra gente conseguir um dinheiro pra, pra assistir [...]<sup>59</sup>.

Pegando a parte final da fala de Barros, O. B. (2012) “Era uma luta pra gente conseguir um dinheiro pra, pra assistir”<sup>60</sup>, fica um questionamento se esses meninos conseguiam o dinheiro para o pagamento do bilhete apenas através dos seus pais? A resposta é não, pois cada um dava o seu jeitinho para conseguir o dinheiro necessário, por exemplo: algumas crianças em frente ao cine trocavam pedaços de películas conseguidas outrora com o funcionário responsável pela projeção ou até mesmo com os donos e vendiam esses pedaços para completar ou até pagar inteiramente suas entradas. Vale ressaltar que essas películas não eram trocadas ou vendidas avulsas, mas ao contrário, os garotos tinham o cuidado de as colocarem dentro dos monóculos, recipiente que as preservaria, além de propiciar um grau de melhoria na visualização dos personagens representados pelas películas.

[...] quando cortava as fitas ele (Zé Brasil) dava pros meninos ou então os meninos compravam e ficava ali na porta do cinema

---

<sup>58</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>59</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

<sup>60</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

trocando é, a fitinha do cinema, né? Aquilo ali era uma festa e era na época do monóculo, aí comprava e botava o microfilme no monóculo, então eles faziam troca, eles vendiam, eles se deliciavam, principalmente quando era um filme preferido<sup>61</sup>.

Os meios usados pelos garotos para adquirirem dinheiro era os mais variados possíveis, como percebemos na fala da entrevistada.

Meus irmãos, eles arranjavam de todo jeito pra ir pro cinema, criavam pombos, vendia pombo (risos) [...] De vez em quando entrava os meninos lá em casa, vamos comprar uns pombos pra gente ir pro cinema, vamos vender pombo, vendia pombo pra ir pra cinema, trocava fitinha, fita do cinema, vendia fita pra juntar dinheiro pra ir pro cinema. Tinha aqueles álbuns de coleção, ficava trocando aquela figurinha pra ir pro cinema [...]<sup>62</sup>.

Além da venda de pombos, de películas e de figurinhas esses sujeitos também utilizavam outros métodos, como por exemplo, a venda de rapadura na feira livre de Picos.

Meu irmão ia pra feira vender rapadura. Aí ele disse que um dia tava na feira vendendo rapadura, um dia de sábado, que a feira era no sábado e vinha uma pessoa conhecida (risos). Aí ele disse que virou a cara lá pra o outro lado (risos). Aí a mulher: e essas rapaduras quanto é? Ele tinha jeito pra comércio. Aí ele disse: Não, o homem saiu e num voltou ainda não (risos). Ele disse: eu fiquei foi com vergonha (risos). Tava vendendo rapadura, mas eu queria saber se eu tinha dinheiro pra ir pro cinema<sup>63</sup>.

Como podemos observar, esses jovens tentavam de várias maneiras conseguir o dinheiro para a ida ao Spark, pois “[...] o cinema era mágico, vivia uma espécie de aventura, não ia era roubar, como se diz, mas fazia tudo pra ter o dinheiro do cinema no fim de semana ou na semana quando passava um filme bom [...]”<sup>64</sup>.

Ainda em muitos momentos, os jovens eram obrigados a assistirem aos filmes do lado de fora, apenas ouvindo as falas dos artistas pelo eco gerado de dentro do cine, ou seja, tinham a vontade de assistir, mas em contrapartida não tinham o dinheiro suficiente e necessário.

---

<sup>61</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>62</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>63</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>64</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

Segundo Barros, O. B. (2012),

[...] como eu não tinha condição de pagar a, a... entrada, [...], eu e outro grupo de pessoas a gente assistia, saía de casa quase toda noite, né? Vestia aquela melhor roupinha, né? E eu vou pro cinema, né? Só que a gente não entrava, a gente assistia o filme da calçada, daquele paredão [...]<sup>65</sup>.

Assistir ao filme apenas da calçada, escutando o eco do som e em outros casos até esperando os retardatários para que pela brecha de abertura da porta pudesse enxergar algo que estava sendo exibido era uma realidade presente na vivência dos que não podiam pagar pelo bilhete de entrada.

Barros, O. B. (2012) acrescenta que,

E a gente sentava ali e tudo e vez por outra quando alguém que tava entrando atrasado, movimentava assim a cortina, a gente via alguma imagem na tela, sabe? E aquilo era assim um lance muito importante que a gente gravava, né?<sup>66</sup>

Ainda existia a chamada “hora do miserável” em que o porteiro liberava as portas de acesso ao cine e aqueles que ainda permaneciam pacientemente ali poderiam se deliciar com os momentos finais do filme exibido. Segundo Barros, O. B. (2012), “[...] O pessoal do, do, do, do cinema tinha a hora do miserável, não é? Que era aqueles minutos finais dos filmes e o porteiro saía de lá e a gente entrava e assistia o final do filme, né?”<sup>67</sup>.

Veja como é interessante pensar na real situação apresentada pelo entrevistado em que pela falta de dinheiro, esse sujeito histórico acaba tendo que “assistir” a essa exibição pelo lado de fora do prédio do cine. Essa realidade, na época, era comum para muitos jovens que não dispunham de uma renda mensal ou que apenas detinham renda financeira proporcionada por seus pais, que também eram pobres e deviam controlar os recursos da casa.

Essa realidade vivida pelo entrevistado acabou gerando um hábito que segundo o mesmo tornou-se comum em sua vida cotidiana.

---

<sup>65</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

<sup>66</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

<sup>67</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

Ainda hoje, eu tenho o hábito, eu acho que em decorrência dessa forma de assistir, a, a, aos filmes, né? Ainda hoje eu gosto de assistir filme assim de madrugada sem ver a televisão. Eu ligo a televisão e fico noutro espaço, né? Pra de vez em quando eu ver outra cena, assim. Por que era a forma como as pessoas que não tinham aquela acessibilidade eles tinham [...].<sup>68</sup>

O segundo ponto diz respeito à roupa dos sujeitos que frequentavam esse ambiente. Esta também influenciava na vivência dos expectadores, pois, por ser um espaço de ambas as classes sociais, estar bem vestido era uma questão de necessidade, vestir sua melhor roupa, está apropriado para encontrar os amigos e paquerar. “Vestia aquela melhor roupinha, né? E eu vou pro cinema, né?”<sup>69</sup>.

Não ter uma boa roupa, ou tê-la repetido inúmeras vezes representava não seguir os padrões, gerava no sujeito um receio decorrente do está bem vestido ou não, influenciando em sua vivência no cine. Esse sujeito acaba sendo excluído do cine por sua forma de vestir julgada pelos demais ou por si, como indevida, inapropriada, simples ou até fraca. Esse protagonista suscita em si um sentimento de não pertencimento a tal ambiente, nascido da falta de condições de um vestir mais rebuscado ou elegante que suprisse a expectativa daqueles que lotavam os assentos do Spark.

Um terceiro ponto e não menos importante diz respeito à distância e às péssimas condições para se chegar ao cine, fator que refletia diretamente na presença de público. Bem, podemos analisar nesse sentido duas falas bem distintas. Primeiro a fala da entrevistada Oneide Rocha, que não via problemas para chegar ao cine, pois sua casa estava localizada ao lado do Spark, como ela mesma apresenta essa informação “[...] eu tive o privilégio de morar vizinha ao cinema [...]”<sup>70</sup>, por isso, a liberação para que pudesse participar das exibições cinematográficas não representava nenhum problema para seus pais, sempre estando sobre o olhar vigilante dos mesmos. Contudo, se nos dirigirmos para bairros mais afastados da cidade, observamos que esses mesmos bairros ainda não dispunham de boas condições estruturais e que naquele período histórico ainda não havia a disponibilidade de transportes públicos, ocasionando uma difícil situação para aqueles que tinham o interesse de participar das exibições do Spark. Às vezes,

---

<sup>68</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

<sup>69</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

<sup>70</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

tinha-se o dinheiro, entretanto não havia os meios de se chegar ao cine. Mas então, qual seria a solução adotada? Era necessário juntar um grupo de amigos que tivessem o mesmo interesse, ou seja, assistir àquela exibição e virem andando com bastante tempo de antecedência para que na hora do filme já houvessem chegado. Na ida ao cine todos iam motivados pela alegria de assistir à apresentação e, na volta para casa, o cansaço era esquecido havendo espaço apenas para os comentários sobre as meninas, as paqueras realizadas e principalmente sobre o filme, motivo primeiro de toda essa caminhada. O retorno até em casa virava uma grande festa, envolvida por brincadeiras e gargalhadas longas e gostosas.

### 2.3 Cine Spark



Fotografia 06: Cine Spark na década de 1960  
Fonte: Museu Ozildo Albano

Esse ambiente (Spark) foi moldado por seus idealizadores que pensaram na melhor forma estrutural de poder dar conforto e acessibilidade ao público frequentador.

Analisando a fotografia acima podemos perceber as duas escadas de acesso à entrada do cine, ambas com corrimão para facilitar e ajudar tanto na subida como na descida daqueles que tinham uma idade mais avançada e sentiam a fragilidade

da mesma.

Também é perceptível que além de um grande portão de entrada havia duas portas de acesso ao cine, em que uma servia como entrada (ao lado esquerdo) e a outra era utilizada pelos espectadores, no momento da saída (ao lado direito).

Ao passar pelo portão principal, esse sujeito deparava-se com a bomboniere, espaço em que era vendida uma grande variedade de bombons e que também era utilizado como ponto de encontro para os jovens namorados e para o flerte antes das exibições.

O Spark contemplava um (1º) primeiro andar. É importante dizer que naquele momento, poucas eram as casas na cidade em que havia um primeiro andar. Sobre a função deste, eram basicamente duas: a) abrigar o maquinário responsável pela projeção cinematográfica e b) acomodar o público em uma frisa que dava uma melhor visão aos freqüentadores, ou seja, quando os assentos no térreo eram ocupados, o público restante era acomodado na bancada superior, que tinha capacidade entre 10 a 15 pessoas todas sentadas. Esse espaço era considerado por todos como um lugar de destaque, por ter uma visão geral sobre todo o cine, não havendo diferenciação de preços, para aqueles que ficavam dispostos nos assentos da frisa.

Com relação ao maquinário utilizado na projeção dos filmes, como já mencionado anteriormente, era abrigado na parte superior do prédio. E devido à instabilidade oriunda de películas em latas, mais antigas, também exibidas no cine em períodos pré-determinados, é que a parede superior frontal era toda quadriculada, existindo ainda a porta de entrada na lateral e uma janela, aumentando a ventilação desse cômodo e diminuindo a umidade.

Marcelo (La Carretta) Enrique López da Cunha menciona essa instabilidade nas películas de lata de composição a base de nitrato.

Apesar de ter sido a primeira base fílmica bem sucedida, flexível e transparente. Criada em 1889, a chamada base de nitrato<sup>71</sup> já era conhecida pela sua periculosidade (sendo usada na fabricação da dinamite) antes mesmo de ser escolhida como melhor suporte para o filme. [...] O principal problema da base em nitrato é sua inflamabilidade [...]<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> Pode receber também o nome de nitrato de celulose, nitrocelulose, celulóide e filme inflamável, in: USAI, Paolo Cherchi. *Silent Cinema: an introduction*, p. 77.

<sup>72</sup> LA CARRETTA, Marcelo L. da Cunha. *Cinema, memória audiovisual do mundo*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de

Contudo, após ser verificado o problema oriundo da composição da feitura da película, os técnicos especializados resolveram utilizar um outro tipo de composição, agora baseado em acetato, entretanto, “logo se descobriu que o filme em acetato não era a solução definitiva: apesar de não pegar fogo, essa base é mais sensível à umidade, ocasionando entre outras coisas, encolhimento e resistência à tração”<sup>73</sup>.

De acordo com La Carreta,

Esse novo problema levou os técnicos a desenvolverem um suporte mais resistente: em 1941 foi inventado o suporte de poliéster, mais forte e durável que o de acetato. A vida útil do poliéster é indefinida, além de possuir imensa resistência à tração. Contudo, o acetato continuou sendo fabricado, apesar dos testes positivos com o poliéster<sup>74</sup>.

Entretanto, logo os técnicos perceberam que encontrar um novo material ainda não solucionaria o problema, pois quando as máquinas travavam esse suporte por ser tão resistente acabava danificando o aparelho, tendo que serem encontrados mecanismos de melhoria também para o maquinário.

Ocorre que o suporte de poliéster era tão forte que quando a película travava nos projetores e demais máquinas usadas no cinema, não arrebentava de forma alguma, danificando o aparelho, muito mais caro que a película. Somente nos anos 1980 seriam desenvolvidas máquinas inteligentes que param ao menor sinal de resistência, abrindo o caminho para as películas de poliéster<sup>75</sup>.

Essas inovações chegaram ao Spark e foram acolhidas de maneira a proporcionar uma melhoria na qualidade das exibições e também representaram uma atualização que encaixava esse cine nas tendências mundiais.

É importante ressaltar que, mesmo não sendo trazido pela fotografia acima, que também existiu um grande letreiro na parte frontal do prédio que trazia o nome *Cine Spark* em letras garrafais.

Com relação à parte interior, esta era organizada da seguinte forma: os assentos, feitos de madeira dividiam todo o espaço, estando posicionados em declive de forma a facilitar a visualização e melhoramento do leiaute, deixando

---

Minas Gerais. 2005, p. 44.

<sup>73</sup> LA CARRETTA, op. cit., p. 47.

<sup>74</sup> LA CARRETTA, loc. cit.

<sup>75</sup> Ibid, p. 47.



apenas o corredor central e os corredores laterais utilizados pelo público para locomoção.

Deve-se chamar à atenção para o fato de essa organização interna do Spark assemelhar-se muito ao de um teatro, pois nesse momento o cinema ainda sofria uma influência enorme da arte teatral, sendo posta em evidência na estrutura interna deste.

Existia ainda um palco grande em piso de cimento queimado que dava destaque tanto à tela cinematográfica quanto àqueles que se apresentavam para cantar como profissionais ou calouros, nesse espaço.

Para manter a refrigeração do ambiente foram instalados alguns ventiladores de parede que tentavam suprir a necessidade de climatização no espaço que permanecia fechado por todo o tempo de exibição.

Com relação à sonorização, eram utilizadas caixas de som amplificadas que ficavam em lugar de destaque no palco. Essas jogavam o som para todo o espaço do Spark que encantava àqueles que iam assistir e ouvir os atores e atrizes hollywoodianos.

## **2.4 Por trás das cortinas**

Para que pudessem efetivamente acontecer as exibições fílmicas era necessário que houvessem pessoas engajadas e comprometidas direta e indiretamente em proporcionar a esse público apresentações de qualidade.

O primeiro protagonista é o senhor Ademar de Araújo Barros, conhecido pelo público como senhor Mazinho do cinema, devido ao seu longo tempo de trabalho no Spark e sua evolução funcional no percurso de funcionamento deste. Exerceu variadas funções, como: vendedor de bombons na entrada do cinema, espécie de bomboniere, trabalhou na limpeza, foi auxiliar de operador e por fim, operador.

Mas para que pudesse realmente manusear o maquinário, teve de participar de curso de formação de operador cinematográfico em Teresina-PI, pois além de todo o cuidado despendido com relação às películas pelo seu caráter inflamável, era necessário que houvesse pessoas preparadas para trabalhar no manuseio do equipamento. Recebendo ao final do mesmo, carteira de autorização que dava a ele direito para ocupar tal função no cinema.

O senhor Mazinho começou a trabalhar no Spark ainda não tendo a maioria, tendo sido dado a ele a oportunidade de ter o seu primeiro emprego. Logo após atingi-la, sua carteira foi assinada como sendo funcionário do grupo Representações Bezerra e Santos Ltda, na função de auxiliar de operador cinematográfico no dia 01 de Maio de 1971. O cinema deu a ele um emprego e de onde tiraria seu sustento, em contrapartida o senhor Mazinho deu ao cinema seu empenho, seu esforço, seu comprometimento de uma vida, pois ao conseguir alcançar a função de operador cinematográfico no ano de 1973, manteve-se na mesma até o dia 10 de Junho de 1981, ou seja, permaneceu trabalhando fielmente ao cinema por mais de 10 anos. Sua saída desta função foi devido ao declínio de público do cinema, que posteriormente originaria seu fechamento por completo, mas com relação a isso, falaremos com mais detalhes à frente.



Fotografia 07: Carteira de Trabalho do senhor Adelmar de Araújo Barros  
Fonte: Arquivo pessoal de Adelmar de Araújo Barros

A senhora Maria das Graças Barbosa Rodrigues, mais conhecida na cidade por Gracinha do cinema, trabalhava para o grupo Representações Bezerra e Santos Ltda, estes tinham uma loja de materiais de construção, contudo também era participante ativa na vivência do Spark, pois trabalhava na bilheteria do cine, à noite

e finais de semana. Carimbava todos os ingressos e posteriormente os vendia no momento de exibição do filme. Exerceu essa função por muitos anos, tendo a oportunidade de visualizar todo o percurso de existência do Spark. Sua saída também foi devido ao fechamento do mesmo.

Rocha lembra-se da senhora Gracinha do cinema “[...] tinha uma pessoa lembrando assim, que era da bilheteria, Gracinha, Maria das Graças Rodrigues, [...], e ficou chamada Gracinha do cinema. E ainda hoje ela é Gracinha do cinema [...]”<sup>76</sup>.

O outro protagonista dessa história e não menos importante foi o senhor José Brasil Néelson, conhecido como Zé Brasil. Esses atores trabalhavam em funções diversas, de acordo com a necessidade do cine. Segundo os entrevistados a ele foi dada a responsabilidade por incumbências importantíssimas para o Spark, por exemplo: cuidar da feitura dos cartazes dos filmes a serem exibidos. Isso em decorrência de este ter uma letra muito bonita, que chamava à atenção, sendo escolhido pelo próprio Chico de Júlio (proprietário).

Segundo Teixeira,

[...] tinha um rapaz com o nome Zé Brasil que ele ficava na portaria, mais ele era quem se encarregava de fazer todos os cartazes, por ter a letra muito bonita, aí ele botava os cavaletes ali na Avenida, em alguns pontos estratégicos [...]”<sup>77</sup>.

Como já foi apontado pela entrevistada, além de fazer os cartazes o senhor Zé Brasil num outro momento também trabalhou na função de porteiro. E por fim, é importante explicitar que anterior à chegada do senhor Mazinho do cinema à função de operador cinematográfico, quem a exercia era o senhor Zé Brasil, tendo ficado nessa função por um bom tempo.

Como já foi apontado pelo entrevistado, esses cartazes eram dispostos por toda a praça e em pontos estratégicos da cidade (Avenida Getúlio Vargas), no intuito de mostrar ao público a exibição que seria apresentada naquele dia.

Só que essa divulgação referida não era realizada apenas pelos cartazes confeccionados pelo funcionário do cine, citado acima, mas também era necessária uma estrutura de carro volante, rádio amplificadora e jornal impresso, chamado de Macambira, tendo como conseqüência, a necessária atuação de outras pessoas que acabavam ajudando, como colaboradores na transmissão das informações do

---

<sup>76</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>77</sup> TEIXEIRA, Maria Eunice Soares. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

Spark.

Com relação ao carro volante, havia um, em especial, vindo de Caruaru, e a este estava a responsabilidade de trabalhar atuando na divulgação das apresentações (horários, preços e datas). Seu carro era chamado de Jaguar Propaganda. Segundo a entrevistada “[...] aí ele fazia uma propaganda ele mesmo fazia no carro que eles traziam de caruaru”<sup>78</sup>.

Contudo a divulgação realizada por meio dos carros de som volante não foi unicamente feita pelo Jaguar Propaganda, pois o entrevistado afirma também ter trabalhado nos carros de propaganda e ter ele próprio divulgado as exposições do Spark.

Segundo Maria das Graças Barbosa Rodrigues,

Funcionava num... sistema que foi instituído naquela época que aparentemente não precisava, mas é...era muito conhecida – a propaganda volante, [...] mas muito bem educada, bem produzida, né? Eu mesmo trabalhei como locutor, né? Um certo período, né? Eu divulguei as exposições do cine Spark nos carros de propaganda volante<sup>79</sup>.

O entrevistado Barros, O. B (2012) conta como era o processo de anúncio no momento da divulgação.

A gente não gravava a gente saia dentro do carro com o microfone na mão e um texto. A gente lia aquele texto, ia repetindo e botava uns intervalos de músicas, mas apertava ali o gravador, certo? E botava ali o microfone pra ouvir<sup>80</sup>.

Barros, O. B (2012) menciona a estrutura do carro de som volante em que trabalhou afirma que era a tecnologia mais avançada da época.

Não existia essa interação de tecnologia que existe hoje, não né? Era a tecnologia mais avançada, mas era só aquilo. Duas bocas de som, as vezes quatro, a gente passava em todas as ruas e tava divulgado o, o, o... filme<sup>81</sup>.

Com relação à rádio que fazia a transmissão das informações sobre o cine,

<sup>78</sup> RODRIGUES, Maria das Graças Barbosa. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>79</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

<sup>80</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

<sup>81</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

Barros, O. B. (2012), explica que houve interferências por parte do poder público municipal para que a mesma permanecesse atuante, por ser uma rádio comunitária.

Ela foi fechada pela polícia, né? [...] na época não existia lei nenhuma prevendo a rádio comunitária, né? Ela funcionava assim, como um acesso que ele teve ao equipamento de transmissão de rádio e tudo e montou aí...<sup>82</sup>

Contudo, como solução para esse problema o senhor Chico de Júlio (radialista e a pessoa à frente da mesma) teve de mudar o nome da rádio, que ao invés de Rádio Comunitária Luar do Sertão, passou a ser Rádio Amplificadora Luar do Sertão. Este também teve de instalar vários postes com alto-falantes para que jogassem o som o mais longe possível.

Aí como foi... como foi a estratégia? Se montou com um mesmo nome Rádio Amplificadora Luar do Sertão com postes com alto-falantes distribuídos ao longo do, do, dos morros, né? Que cercam a nossa cidade, nas praças e tudo<sup>83</sup>.

Além da rádio Amplificadora Luar do Sertão, também existiu outra amplificadora que jogava o som ainda mais longe por ter alto-falantes mais potentes, do senhor Geraldo Pereira e ambas noticiavam sobre os filmes, datas e horários das exposições cinematográficas.

Aí não era só a Luar do Sertão, tinha também a do... a São Geraldo, do Geraldo Pereira, né? Que era um técnico de som, aí um som bem melhor, tal, alto-falantes mais potentes. Então, já colocou os alto-falantes mais alto no morro já cobria uma distância maior de, de, de serviço de som, mas é... e tinha os programas noticiosos, religiosos e tudo e servia pra divulgar tudo, tudo, tudo na cidade. Tinha um papel de uma emissora de rádio, né? <sup>84</sup>

E por fim, o senhor Chico de Júlio conseguiu estabelecer parceria com o jornal que circulava pela cidade – Macambira. Era publicada em sua página final a programação de todos os filmes a serem exibidos diariamente naquele mês, a faixa etária mínima, ou seja, a censura do filme, e em alguns momentos, até os horários de exibição. Como podemos perceber no recorte de jornal, abaixo:

---

<sup>82</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

<sup>83</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

<sup>84</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

PROGRAMAÇÃO DO CINE SPARK PARA DEZEMBRO/77		
<u>Dias</u>	<u>nome do filme</u>	<u>censuras</u>
19	VERÃO QUE PASSOU	18 anos
02/03	PILANTRAS DA NOITE	18 anos
04/05	MULHERES, DESEJO, SEXO E DELINQ.	18 anos
06	OS TOUREIROS	LIVRE
07/08	UM GOLPE QUASE PERFEITO	18 anos
09/10	ESQUADRILHA NÃO DEVE VOAR	18 anos
11/12	SEGREDO DAS MASSAGISTAS	18 anos
13	SAPATINHO DE CRISTAL	LIVRE
14/15	FOGO MORTO	18 anos
16/17	O FILHO DO ZORRO	14 anos
18/19	KUAN, O MATADOR CHINEZ	18 anos
20	CAPITÃO KID, O CORSÁRIO	10 anos
21/22	VIDAS ÍNTIMAS DE 3 AMANTES	18 anos
23	MARINHEIROS SEM NAVIOS	14 anos
24	TARZAN LUTA PELA VIDA	10 anos
25/26	UM TREM DO INFERNO	14 anos
27	O MENINÃO	LIVRE
28/29	EXPRESSO HAKIRI 109 EM PERIGO	16 anos
30/31	TARZAN ENFRENTA O PERIGO	10 anos

( I N F O R M A Ç Ã O D A E M P R E S A )

Fotografia 08: Programação do Cine Spark  
 Fonte: Jornal Macambira, Picos, Dez. de 1977, ano II, n. 15, p. 7.

Com isso, percebemos que os cartazes avisavam dos filmes que seriam exibidos para aqueles que passavam pela praça ou em frente ao cine. O Macambira levava a notícia de forma impressa. Os carros volantes anunciavam para um grande número de pessoas, devido, conseguirem chegar aos lugares mais distantes. E as rádios amplificadoras atingiam àqueles que permaneciam antenados aos seus avisos.

## 2.5 UPES – Representando os Estudantes Picoenses

Como já foi falado, na entrada do cine existia um senhor conhecido por Zé Brasil, que trabalhava como porteiro, e este deveria ficar atento para a entrada dos jovens, não só por terem aqueles que queriam entrar sem pagar como também por existirem aqueles que não tinham a idade mínima exigida para assistirem às películas exibidas.

Muitas vezes, Zé Brasil era obrigado a barrar na entrada os jovens que mesmo não tendo o valor cobrado para a compra do bilhete, tentavam furar o

bloqueio na porta de entrada, ou seja, esperavam a melhor oportunidade, de lotação, e entravam de fininho, na multidão. Em outros momentos, os jovens que não tinham a idade mínima exigida pela censura para assistirem as exhibições, conseguiam comprar o bilhete e entravam no cine, contudo, não tinham sossego, pois se descoberto por um dos proprietários seria convidado a se retirar perdendo o valor pago anteriormente.

De acordo com Teixeira,

Então todos os filmes que passava a gente não tinha condição de assistir, até porque naquela época a gente era de menor, e não vendiam, como a gente era estudante, já sabiam que não vendiam, quando a gente comprava uma inteira, que entrava, então o dono do cinema que era seu Toinho Santos ele pegava a gente pelo braço e botava pra fora, né? Aí ficava ruim, porque a gente tinha pago inteira e não ia assistir os filmes, né?<sup>85</sup>

Mas também existiam aqueles que respeitavam a proibição por não terem a idade necessária para assistirem tal filme, como relata o entrevistado “[...] se o filme era proibido para menores de 14 anos, o menor de 14 anos não entrava, ficava só torcendo pra, pra, pra passar daquela idade, se era só até 10 anos, só ia até 10 anos, né?”<sup>86</sup>.

Mas além do porteiro também existiam outros mecanismos de controle, como por exemplo, a UPES – União Picoense dos Estudantes Secundaristas, que contribuía para a fiscalização da entrada de menores.

Sua sede estava localizada nas instalações da Casa do Estudante, próximo à Igreja Matriz, na Praça João de Deus. A Casa do Estudante era sustentada pela prefeitura municipal, que fornecia o material de limpeza, pagava as contas de água, luz e mantinha a casa servida de alguns eletrodomésticos e do mobiliário.

Além da fiscalização da entrada de menores, atuava no funcionamento de pagamento da meia-entrada no Spark e trabalhava com o intuito de lutar pelos direitos dos estudantes em sentido amplo, como por exemplo, a existência de meia-entrada no ônibus coletivo urbano.

Através da meia-entrada a juventude pôde participar das apresentações cinematográficas a um custo menor. Essa foi uma estratégia utilizada pelos diretores do Spark para atrair um número maior de público às exhibições, facilitando o acesso

---

<sup>85</sup> TEIXEIRA, Maria Eunice Soares. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>86</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

desse estudante pela redução do valor devido a ser pago na entrada do Spark.

O próprio cinema já tinha os mecanismos de controle, os próprios estudantes já tinham a União Picoense dos Estudantes Secundários – UPES policiava no, no, no cinema, por isso eles tinham livre acesso no cinema, porque eles policiavam pra ver se tinha algum estudante, menor de 14 anos. Existia também a meia entrada para o estudante, né? Já é... era, era uma coisa assim bem avançada, né? Bem avançada pra, pra época<sup>87</sup>.

Ainda questionado sobre o papel da UPES, Barros, O. B. (2012), diz “[...] o grêmio estudantil era uma força política e social em nossa sociedade, em nossa cidade [...]”<sup>88</sup>. E fala com propriedade dos antigos membros.

Eu lembro do José Armínio que era da UPES, do médico João da Luz que mora em... no Ceará hoje, foi até prefeito de uma cidade lá, ele foi presidente, o José Elpídio, não é? [...] o Paulo Afonso um dos últimos presidentes, líderes estudantil, atuante assim e tudo. [...]”<sup>89</sup>.

Isso pode ser considerado como uma grande inovação para a cidade por apresentar um grêmio estudantil atuante e presente junto à classe, já que esse participava, cobrava, mas também fiscalizava os seus, mostrando comprometimento com o trabalho para o estudante.

Após termos conhecido como funcionava o cine Spark, sua estrutura, seus meios de divulgação, controle e fiscalização, vamos, agora, para o terceiro capítulo em que trataremos dos shows de calouros e artistas nacionais, apresentando também alguns mecanismos que possam, direta e indiretamente, terem interferido para a decadência e conseqüente fechamento desse cine.

---

<sup>87</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

<sup>88</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

<sup>89</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.



### 3 PERCURSOS E PERSPECTIVAS DO SPARK

Foram muitos encontros, desencontros, alegrias, tristezas, choros, lacrimejos, vontade de chorar e diversas gargalhadas. Torcer ou não torcer? Quem estava errado, o europeu ou índio nos famosos filmes de bang-bang, Como não se sentir convidado ou capturado pela beleza da grande tela, cinemascope, ou pelas películas, que eram brigadas, trocadas ou pelas quais se implorava para terem um pouquinho da vida cinematográfica ali, guardadinha, como lembrança, como memória, como representação de uma época lembrada com carinho, em que tudo brilhava. Esses foram os anos dourados do Spark, que despertavam sensações e emoções.

Nesse contexto o Spark ocupava um papel de destaque, era ele o protagonista principal desse show de ilusões e desilusões, mas ao final, com o acender das luzes e o fechar das cortinas, era visto um Spark que já estava sofrendo com os anos, que envelhecia junto com seu público, e que já estava cansando. Com o passar de duas décadas de funcionamento, esse cine sofre com o distanciamento dos espectadores, ou seja, com a queda de público, originada talvez pelo gênero dos filmes exibidos.

A proposta deste capítulo final é apresentar momentos de ascensão do Spark, através da utilização da película fílmica e suas várias maneiras de utilização desse espaço, de maneira bem pontual, até a dificuldade de sustentação daquele que foi uma grande referência em Picos e agora perdia seu encanto, sua luz, perdendo até a presença daqueles que um dia preencheram seus assentos, chegando por fim ao momento de sua decadência final, ou seja, o fechamento.

#### 3.1 Através do Spark

Durante os 20 anos de existência do Spark, os sujeitos históricos que preenchiam os assentos daquele cine iam aos poucos vivenciando experiências individuais e coletivas a partir daquele ambiente escuro, mas ao mesmo tempo aconchegante e que aos poucos foi se tornando referência, ponto de encontro, um lugar de lazer, de paquera, de riso, de encontro com os amigos. Os filmes assistidos por esse público em alguns casos era aleatório, ou seja, não havia uma escolha anterior, caso este que não exclui a ocorrência da escolha dos filmes, em outros

momentos, por esses indivíduos.

Esses sujeitos acabavam se apropriando do que era visto através das películas, refletindo no modo de falar, sentar, sorrir e vestir, ou seja, espelhando-se nos atores e atrizes que encantavam com os seus personagens, pela beleza de seu sorriso, de sua roupa, pela independência. Eram outras pessoas, eram outros modelos de ser e estar, que iam influenciando àqueles que mantinham contato direto por meio das películas filmicas.

Nesse sub-tópico utilizaremos alguns relatos sobre experiências dos entrevistados vividos no espaço do Spark ou através dele.

Douglas Nunes relata fato vivido por ter convidado uma menina para acompanhá-lo ao cinema.

Eu convidei uma mocinha, menina, ali da Praça João Leopoldo, a rua Velha ali, pra ir comigo no cinema, né? Na matinê, e aí quando eu entrei, fui tomar banho, vestir aquela roupa domingueira e quando veio minha prima e falou assim: Douglas cê vai no cinema? Vou. Cê vai com tal pessoa? Falei: Vou. Pois ela chamou 10 meninas pra ir junto e tudo quem vai pagar é você, eu falei: não (risos) não pode, não pode. Como é que eu chamo uma menina, aí chama, chamou 10 de uma vez para acompanhá-la, né? Que ela não podia ir sozinha. Aí eu peguei dei a volta por trás do quintal, sai (risos) e fui ao cinema sozinho. Eu nunca esqueço desse acontecimento<sup>90</sup>.

Paulo Sérgio Batista de Barros também conta uma experiência vivida a partir do seu primeiro filme assistido no Spark.

[...] o primeiro filme me marcou bastante que foi o filme de Tarzan, né? No qual eu tinha somente 7 anos, criança ainda, e fiquei assim, fantasiado, né? Com aquelas aventuras do homem da selva, né? E quando cheguei em casa, meus pais moravam no interior, na zona rural, né? Fui tentar imitá-lo, né, Tarzan? E fui pular de uma árvore pra outra, né? De um galho para outro, né? E terminei caindo e quebrando o braço, né? E que carrego até hoje essa recordação (risos)<sup>91</sup>.

Teixeira diz ainda que como o gosto pelo cine, pelos filmes era tanto que ela acabava ludibriando seu pai e indo ao Spark escondida.

[...] aonde eu enrolava papai, era assim, por que de manhã eu dizia

<sup>90</sup> NUNES, Douglas Moura. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

<sup>91</sup> BARROS, Paulo Sérgio Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

que ia pra missa de nove e ia assistir o filme, a tarde eu dizia que ia fazer trabalho de equipe e assistia um outro filme e a noite se era dia de domingo ele já me dava o dinheiro pra eu assistir outro filme<sup>92</sup>.

Teixeira acrescenta que,

Aí assistia muito filme, eu assistia no mínimo, no mínimo, três filmes por semana, às vezes assistia na quarta-feira, no meio de semana, à medida que eu ia podendo tirar da gaveta de papai, era barato, né? Eu tirava e ia. Oh, o que eu consegui aqui eu vou, né?<sup>93</sup>

O gosto pela sétima arte é visível nas palavras da entrevistada que, além disso, ainda afirma que sendo necessário ainda tirava um pouquinho de dinheiro da gaveta de seu pai, este era comerciante, para que pudesse comprar seu ingresso no cine.

A partir da leitura dos fragmentos da entrevista da senhora Teixeira surgem novos questionamentos, por exemplo: os horários de exibição do Spark e ainda podemos acrescentar uma discussão sobre para qual público esses filmes se destinavam. Esses questionamentos serão discutidos nos próximos tópicos.

### **3.2 Já é hora de ir ao cinema?**

É importante frisar que como o cine funcionou por duas décadas, este teve muitas variações nos horários de suas apresentações cinematográficas, pois em determinados momentos funcionava como acrescenta seu Mazinho do cinema “de segunda a sexta às 20hs e sábados e domingos às 18hs e 20hs”, contudo, em outros momentos, alguns entrevistados, como a senhora Teixeira relatam terem participado de exibições aos domingos pela manhã e a tarde.

O Spark não funcionou apenas nos horários relatados pelos entrevistados, pois de acordo com a fotografia nº 09, tirada de uma das edições do jornal Macambira, são trazidos para o espectador, em nota, informações sobre os horários semanais e dos finais de semana.

Observe a fotografia abaixo:

---

<sup>92</sup> TEIXEIRA, Maria Eunice Soares. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>93</sup> TEIXEIRA, Maria Eunice Soares. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

Serviços

PROGRAMAÇÃO DO CINE SPARK  
PARA O MÊS DE NOVENBRO

O Cine SPARK deverá ter a seguinte programação para o próximo mês de novembro:

<u>Dias</u>	<u>Nome do Filme</u>	<u>Censura</u>
01	Onde está Teresa	livre
02 a 04	Sol Vermelho	18 anos
05 a 07	A Volta de Bruce	18 anos
08	Tarzan e o Tesouro Kawana	10 anos
09 a 15	A Dama da Lotação	18 anos
16 a 18	Sexo na Selva	18 anos
19 a 21	Nasce um Monstro	18 anos
22	O Golpe Mai Fabuloso do Oeste	10 anos
23 a 25	Na Mira do Investigador	18 anos
26 a 28	Visitantes da Noite	18 anos
29	Gordos Irmãos Trinity	10 anos
30	Um dia de Cão	18 anos

O Cine SPARK apresenta filmes em uma única sessão às 20:00 horas, durante a semana e, em duas sessões, uma às 19 e outra às 21:00 horas, nos finais de semana.

Fotografia 09: Programação do Spark – Mês de Novembro de 1978  
Fonte: Jornal Macambira, Picos, 27 out. 1978, ano III, n. 48, p. 19.

Como pode ser observado acima, os diretores publicavam, os dias, os nomes dos filmes e a censura de cada filme através do Jornal Macambira, em sua última página, e esta nos traz informações ímpares que podemos analisar sobre os horários de exibição, entrecruzando-as com as entrevistas orais.

Primeiro, a ocorrência de exibições diárias; segundo, a informação apresentada pelo senhor Mazinho no tocante ao horário semanal confirma-se, e terceiro, vemos uma discrepância nos horários de fim de semana.

Contudo, essa discrepância nos horários é normal tendo havido ao longo de duas décadas de história do Spark, mudanças na tentativa de atrair o público ao cine e de se adequar às necessidades daqueles espectadores. Esse recorte do jornal

Macambira é de novembro de 1978, entretanto nos anos iniciais seu horário de funcionamento nos finais de semana era às 18hs (primeira exibição) e às 20hs (segunda exibição).

Com relação à repetição dos filmes exibidos em dias anteriores, era normal, pois a proposta dos diretores era de que o maior número de espectadores pudesse assistir aos filmes. E até mesmo aqueles que já tivessem assistido em dia anterior pudessem, se fosse de seu interesse, novamente assistir àquela película. Contudo, um fato também perceptível, segundo o recorte de jornal acima, é que nenhum dos filmes voltados para o público infantil era contemplado com a repetição, tendo o espectador que aproveitar o dia previamente determinado do filme, ou seja, o dia agendado, para então assisti-lo.

Uma outra discursão é gerada pela análise desse recorte de jornal que é para qual público esses filmes se destinavam. Percebemos que apenas três filmes são direcionados ao público infantil, com censura a partir dos 10 anos de idade, apenas um filme é livre, ou seja, liberado para todos, e todo o resto, no total de oito filmes, com censura a partir dos 18 anos.

Outro ponto que surge é sobre a grande maioria dos filmes exibidos no Spark serem de origem europeia ou norte-americana, quase não sendo contemplados aos espectadores filmes nacionais.

### **3.3 E hoje? O filme é nacional ou estrangeiro?**

O quadro a seguir traz alguns filmes e datas registrados pelo senhor Albano Silva no ano de 1964:

DATA DE EXIBIÇÃO	FILME	ORIGEM
26/08/1964	Viagem ao Planeta Proibido	Estados Unidos
29/08/1964	Guerrilheiro do Grande Khan	Itália
03/09/1964	Sublime Melodia	México
04/09/1964	Monstro de Nova York	Estados Unidos
06/09/1964	O navio condenado	Estados Unidos
07/09/1964	A Bolha Assassina	Estados Unidos
08/09/1964	O pagador de Promessas	Brasil
11/09/1964	A Nave dos Homens Perdidos	Desconhecido
13/09/1964	Bancando o Ama-Seca	Estados Unidos
19/09/1964	A árvore da vida	Estados Unidos
20/09/1964	Moral em Concordata	Brasil
23/09/1964	Caçada no Asfalto	Desconhecido
25/09/1964	A Marcha Nupcial	Estados Unidos
28/09/1964	Tamango	Itália/França
01/10/1964	Os miseráveis	Estados Unidos
03/10/1964	Assim Deus Mandou	Itália/França
04/10/1964	Inferno nas Alturas	Estados Unidos
<b>05/10/1964</b>	<b>Inimigos da Humanidade</b>	Estados Unidos
10/06/1964	Na Encruzilhada dos Facínoras	Estados Unidos
11/10/1964	Quem roubou meu samba?	Brasil
17/10/1964	A vingança	Desconhecido
18/10/1964	O circo dos Horrores	Inglês
20/10/1964	Conflito em Tóquio	Estados Unidos
24/10/1964	Duque Butterfield 8	Estados Unidos
25/10/1964	A taberna do Cavalo Branco	Itália
28/10/1964	Tentação Morena	Estados Unidos
31/10/1964	Cinco Mulheres Marcadas	Itália/Estados Unidos
01/10/1964	Ben Hur	Estados Unidos
08/11/1964	Golias contra os Bárbaros	Itália
11/11/1964	Casei-me com um monstro	Estados Unidos
15/11/1964	Pecado de Amor	Espanha / Itália / Argentina
16/11/1964	O gigante de maratona	Itália/França
18/11/1964	Rastro Sangrento	Estados Unidos
21/11/1964	Chico Fumaça	Brasil
22/11/1964	Mesmo assim eu te amo	Inglaterra
09/12/1964	Calvário de Glória	Estados Unidos
10/12/1964	Contra a lei	Estados Unidos
25/12/1964	Matar é meu desejo	Estados Unidos
27/12/1964	A máquina do tempo	Inglaterra
29/12/1964	O Grande Caruso	Estados Unidos

Fonte: Anotações pessoais da caderneta de Albano Silva

Outro fato sobre o qual também é interessante refletir é o poder exercido pela película fílmica sobre os espectadores, pois alguns deles após assistirem aos filmes

ainda tinham a preocupação de anotarem suas informações principais (dia, mês e ano) e em alguns casos, o gênero dessas obras.

É o caso do senhor Albano Silva que tinha o hábito de registrar em sua caderneta de anotações as películas exibidas pelo Spark. Esses registros pautam-se nos anos iniciais desse cine – 1964 e 1965.

Rocha também guarda com muito carinho e zelo as anotações feitas sobre os filmes assistidos no Spark, e faz uma marcação em que se refere ao seu primeiro filme assistido nesse espaço, que se chama *Inimigos da Humanidade*.

Essa informação é muito salutar, indo ao encontro das anotações do senhor Albano Silva, pois o mesmo registra a apresentação do filme *Inimigos da Humanidade* no dia 05 de outubro de 1964.

A partir desse quadro também podemos perceber, dois dados importantes: Primeiro, que os filmes eram exibidos diariamente desde o ano de sua abertura e segundo, a quantidade tão pequena de filmes nacionais exibidos nesse ano em comparação as películas estrangeiras.

Com relação ao primeiro tópico, se faz necessário que conheçamos um pouco dos mecanismos utilizados pelos diretores do Spark para conseguirem fazer com que as exhibições acontecessem diariamente.

Nos anos iniciais os seus diretores, ou melhor, o senhor Antônio Santos, responsável pela escolha dos filmes, alugava-os para serem exibidos. Estes, dependendo da procura, seriam exibidos várias vezes antes da devolução, por exemplo: o filme inaugural *Viagem ao Planeta Proibido* foi exibido por três noites seguidas. Esse fato é observado devido às brechas existentes da data de uma exibição para outra.

Mas como eles faziam para alugar as películas? Os filmes saíam de Recife e eram mandados até Ouricuri, lá, o senhor Gilvan Coriolano, dono do primeiro cinema dessa cidade, após exibir os mesmos para os seus espectadores, enviava as películas a Picos para que então pudessem ser exibidos no Spark.

Isso ocorreu por muito tempo, não sendo o único veículo para a consecução dos filmes, pois o Jaguar Propaganda, como ficou conhecido, alugava ao grupo Representações Bezerra e Santos Ltda as películas a serem exibidas, agindo como um facilitador do trabalho dos donos do cine.

Segundo a entrevistada, Maria das Graças Barbosa Rodrigues e antiga funcionária do Spark, aquele foi responsável por trazer a Picos famosos clássicos

cinematográficos, que permanecem no imaginário desse espectador.

[...] vinha sempre de Caruaru, o Jaguar Propaganda, que era quem trazia aqueles filmes, mais assim, mais famoso, era *Dio come te amo*, era, era *Romeu e Julieta*, *Sansão e Dalila* e muitos filmes assim, bem badalado. Era o Jaguar, ele era quem trazia e ia sendo alugado pra aqui<sup>94</sup>.

O segundo ponto é o da pequena quantidade de exibição dos filmes nacionais no Spark. Esse fato era recorrente, pois os espectadores não viam no cinema nacional o brilho trazido pelos filmes estrangeiros, que os cativava. Além disso, outros fatores como o som também fazia com que o público não se interessasse pelas películas brasileiras. Segundo Barros, O. B (2012) “O som do filme nacional não era bom. Aí vinha aquela questão o filme que o som era bom, o áudio era bom, era o filme americano, o filme de outros países”<sup>95</sup>.

Então, para que o cinema não perdesse público, os diretores exibiam em sua maioria filmes de classificação estrangeira, mesmo contrariando aos decretos já impostos anteriormente que dispunham sobre a obrigatoriedade da exibição de filmes brasileiros. Exemplo disso é o Decreto nº 52.745, de 24 de outubro de 1963 que altera a redação do art. 1º do Decreto nº 30.179, de 19 de novembro de 1951.

Observe abaixo o texto do decreto, especificamente com relação ao art. 1º:

*O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, n.º I, da Constituição,*

*CONSIDERANDO a evolução quantitativa e qualitativa da produção nacional de filmes cinematográficos;*

*CONSIDERANDO a necessidade de garantir ao filme nacional condições de concorrência com o produto estrangeiro importado;*

*CONSIDERANDO a necessidade de levar o exibidor a programar filmes brasileiros pelo maior tempo possível*

**DECRETA:**

*Art. 1º O art. 1º do Decreto número 30.179, de 19 de novembro de 1951, passa a*

<sup>94</sup> RODRIGUES, Maria das Graças Barbosa. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>95</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.



ter a seguinte redação:

*"Art. 1º Todos os cinemas existentes no País ficam obrigados a exhibir filmes nacionais de longa metragem durante, pelo menos cinqüenta e seis dias por ano, compreendendo, obrigatòriamente, por quadrimestre, o mínimo de quatorze dias, e, nesse total, dois sábados e dois domingos"<sup>96</sup>.*

Como o Spark iniciou suas atividades cinematográficas a partir dos dias finais do mês de agosto de 1964, preferimos deixar de lado o mês referido e começar a contar de setembro até dezembro, ou seja, 04 meses de funcionamento.

Se entrecruzarmos a leitura do art. 1º retirada do decreto nº 52.745, de 24 de outubro de 1963, com as anotações de Albano Silva percebemos que, de acordo com esse decreto, todos os cines deveriam exhibir filmes nacionais de longa metragem pelo menos 56 (cinqüenta e seis) dias por ano, contemplando quatorze dias de exibição nacional a cada três meses e dois sábado e dois domingos, nesse período.

Nos 04 meses de exibição do ano de 1964 foram apresentados no trimestre (setembro, outubro e novembro) apenas 13 dias de filmes nacionais. Em setembro foram 06 dias de exibição – do dia 08/09 a 10/09/1964 e 20/09 a 22/09/1964; em outubro também foram 06 dias – do dia 11/10 a 16/10/1964; e por fim, no mês de novembro apenas 01 dia – 21/11/1964.

Entretanto, a ausência deste dia de exibição poderia ser considerada se ao mês subsequente (dezembro), houvesse sido acrescentado o dia faltoso, ou seja, o que totalizaria 14 dias de exibição com filmes nacionais. Contudo, isso não ocorreu, pois no mês de dezembro não houve nenhum dia destinado aos filmes nacionais.

Com relação às exibições aos sábados e domingos foram contemplados dois domingos, os dias 20/09/1964 e 11/10/1964, e apenas um sábado, no dia 21/11/1964, estando o Spark, também nesse aspecto, fora dos parâmetros estabelecidos pelo decreto. Em anexo o calendário correspondente ao segundo semestre do ano de 1964.

O que podemos concluir da análise das fontes foi a existência de

---

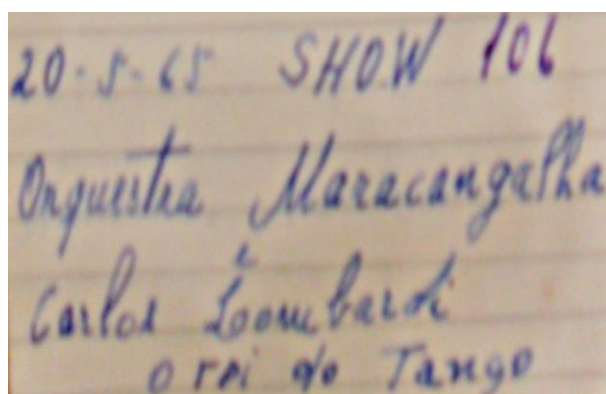
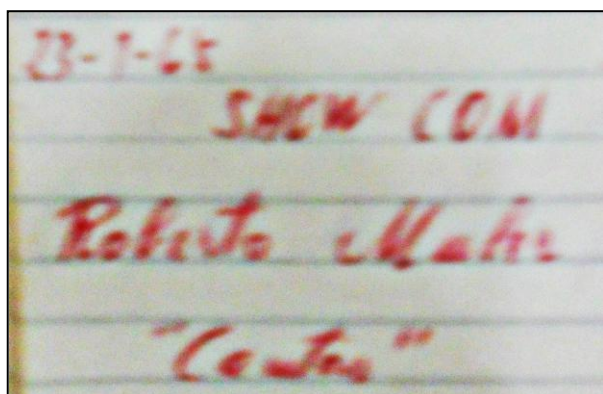
<sup>96</sup> ANCINE. Decreto nº 52.745, de 24 de outubro de 1963. Dispõe sobre a exibição de filmes brasileiros. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-52745-24-outubro-1963-392746-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 01 de março de 2013.

descomprometimento por parte dos diretores para com o cumprimento do decreto em questão. Talvez por terem encontrado em Picos uma fiscalização maleável ou até inexistente.

Outro ponto salutar do percurso do Spark, e que iremos discutir no tópico a seguir, é a presença em alguns momentos de outras atividades desenvolvidas no palco desse cine, como é o caso dos shows de artistas de respaldo nacional e o show de calouros.

### 3.4 Abram-se as Cortinas: O show já vai começar

Nos registros de Albano Silva, referentes ao ano de 1965, encontramos dois momentos em que são citados os shows de artistas nacionais. Exemplo disso é o caso dos cantores Roberto Müller (23/01/1965), cantor regional do Estado do Piauí, e ainda a orquestra Maracangalha e Carlos Lombardi o rei do Tango em 20 de maio de 1965.



Fotografia 10 e 11: Recorte das Anotações Pessoais da Caderneta de Albano Silva  
Fonte: Museu Ozildo Albano

O espaço do Spark era em Picos o lugar mais aconchegante para o público, devido à estrutura de suas cadeiras em declive. Seu palco era bem grande e acolhia como nenhum outro o cantor, pois lá ele tinha espaço suficiente para sua locomoção. Barros, O. B. (2012), afirma que “[...] o Cine Spark, ele se transformou num centro, tipo um centro cultural de Picos, então... naquele momento, os principais shows musicais em Picos eram realizados lá”<sup>97</sup>.

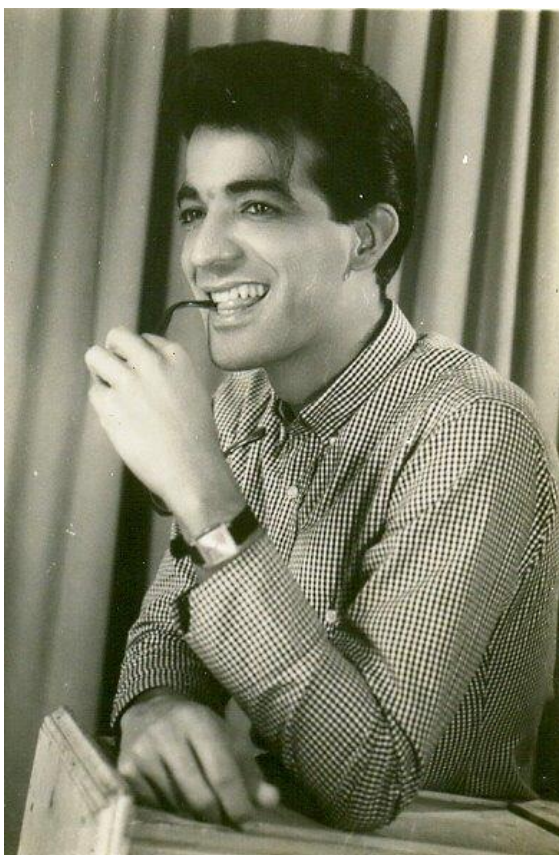
Dentro do percurso de funcionamento, seu palco brilhou com a participação

<sup>97</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

de inúmeros artistas consagrados, como: Jerry Adriani, José Augusto, Núbia Lafayete, Nilton César, Waldick Soreano, alguns artistas regionais, como os já citados nos registro do senhor Albano Silva, ou ainda locais, como os Rebeldes e os Leões.

Segundo Carvalho,

[...] então ali nós tivemos a oportunidade de ver os grandes artistas da época fazendo shows, Jerry Adriani, Zé Augusto, Núbia Lafayete, é... Nilton César, Waldick Soriano quer dizer, os grandes artistas daquela época [...] Que faziam sucesso se apresentaram ali<sup>98</sup>.



Fotografia 12: Nilton César  
Fonte: Acervo Varão

Rocha também fala sobre os shows que aconteciam no Spark.

[...] Eu me lembro de pessoas, dos cantores de Ébano<sup>99</sup>. Eu me lembro que teve um grupo de negros, eram chamados os cantores de Ébano. Jerry Adriani, Waldick Soriano era um sucesso, quando

<sup>98</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>99</sup> Nilo Amaro e Seus Cantores de Ébano foi um grupo brasileiro de MPB formado por Nilo Amaro (Moisés Cardoso Neves) e um coro de vozes negras femininas e masculinas.

vinha Waldick Soriano [...] era uma multidão, né? [...] <sup>100</sup>.

Por estar à frente da rádio amplificadora Luar do Sertão, Chico de Júlio tinha condições de estar em contato com os artistas, estava sempre os divulgando na rádio e sabia quando estariam nos arredores de Picos, como a capital do Piauí – Teresina ou outras cidades. Estabelecia contato com os mesmos e sempre que possível os trazia a Picos.

Carvalho afirma,

[...] ele tinha, portanto essa oportunidade de divulgar os artistas e trazer os shows. [...] sempre que havia uma oportunidade de o artista vir a Teresina ou na cidade mais próxima, ele trazia pra Picos também <sup>101</sup>.

Segundo o entrevistado, não havia um calendário de shows, ou seja, “[...] não tinha uma periodicidade, às vezes acontecia dois shows no mês, outras vezes passava dois, três meses sem show, mas o importante é que ele sempre trazia” <sup>102</sup>.

Os artistas eram recebidos, como já mencionado, anteriormente, pelo senhor Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues, o popular Chico de Júlio, este sempre muito envolvido com as questões culturais, conseguia atrair esses cantores que eram levados ao palco do Spark para soltarem a voz e ainda divertirem aqueles que tinham condições financeiras necessárias para participar de tais exhibições. Barros, O. B. (2012), afirma que “[...] o Chico sempre teve ligado a essa área de cultura, sempre, além de cinema, ele promovia os grandes shows, era o grande promotor de Picos [...]” <sup>103</sup>.

Além dos shows de artistas profissionais, o público picoense também teve a oportunidade de se deleitar ouvindo as vozes de artistas populares, jovens (garotos e garotas) que subiam ao palco do Spark, para mostrar seus talentos e encantar a platéia que ansiosa esperava a apresentação de amigos, amigas, familiares, namorados, namoradas ou até pessoas desconhecidas, vindas de outros bairros.

Esse programa era conduzido pelo próprio Chico de Júlio e transmitido pela rádio amplificadora Luar do Sertão, aos domingos pela manhã às 10hs, após a

<sup>100</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>101</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>102</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>103</sup> BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2012.

missa, ou às vezes à tarde.

Dessa maneira, muitos jovens picoenses ingressaram na vida artística, após participação nesse show de calouros, chamado de “Show de Variedades Bezerra Rodrigues”, este levava esse nome devido ao seu idealizador, Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues. Segundo Carvalho, “o Chico começou também com um programa na, na, no Cine Spark, um programa show de calouros, chamado Show de Variedade Bezerra Rodrigues”<sup>104</sup>. Entre os jovens que participaram desse programa de calouros estavam Odorico Carvalho, Fátima Leôncio, Maria José Lavor e Ivonildo do Nordeste.

De acordo com Carvalho,

[...] Então, foi um grande sucesso e foi um momento em que houve a descoberta de muitos artistas em Picos. [...] Eu me lembro que tinha um artista que começou lá também, que cantava muito legal, Fátima Leôncio, Maria José Lavor [...], Ivonildo do Nordeste e assim por diante. Muita gente começou cantando ali<sup>105</sup>.

Carvalho dá detalhes de como foi sua experiência no palco pela primeira vez.

[...] Eu tive medo, quando fui... [...] eu tava tão nervoso, que isso transparecia no rosto, nas feições, e eu me lembro bem, que a Maria José Lavor chegou perto de mim e disse: Calma, não tem problema não, você canta. Isso é só no início, você canta e depois passa, e a verdade foi essa. Quando eu cantei a primeira vez, quando você tá no palco, aquilo tudo passa, né... e você faz aquilo que sabe fazer e faz bem<sup>106</sup>.

Josafá Batista de Barros também se apresentou no Spark e questionado sobre sua ida ao palco pela primeira vez, relata que,

quando ia entrando no cinema superlotado, num tinha espaço pra gente caminhar. Aí [...] já fui anunciado pra cantar a primeira música. Aí eu senti um friozinho assim na barriga (risos), mas aí eu fui com calma, fui tentando me acalmar e subi o palco, mas com muito medo, só que eu não tava demonstrando, cumprimentei o pessoal com o olhar tal, e logo que fui, que cumprimentei o pessoal já percebi um... assim uma tensão grande do pessoal e quando a banda iniciou na música eu entrei certinho e aí perdi todo aquele medo que eu tava

<sup>104</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>105</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>106</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

sentindo e cantei numa boa<sup>107</sup>.



Fotografia 13: Josafá Batista de Barros - Show de Variedades Bezerra Rodrigues no Cine Spark

Fonte: Arquivo Pessoal de Josafá Batista de Barros

Analisando a fotografia acima e entrecruzando com o que foi relatado por Barros, J. B. (2012) “cinema superlotado, num tinha espaço pra gente caminhar”<sup>108</sup>, percebemos que até mesmo no palco existem pessoas assistindo à apresentação musical e que de fato esse momento vivido por amadores atraía muitos ouvintes interessados em conhecer os novos talentos que nasciam em Picos.

Muitas vezes a juventude tinha o interesse, mas como encontrar coragem? Subir no palco? Cantar? E se eu não conseguir? Como sairei à rua de novo? Esses eram questionamentos que tomavam conta dos pensamentos daqueles que desejavam brilhar, cantando. E esses mesmos questionamentos, medos ou temores é que barravam, impactavam ou simplesmente impediam alguns jovens de mostrarem no palco seus talentos. Pensando nisso, Chico de Júlio nem fazia pré-seleção, aqueles que se sentissem motivados, externavam o interesse, ensaiavam

<sup>107</sup> BARROS, Josafá Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

<sup>108</sup> BARROS, Josafá Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

anteriormente com a banda que fazia o acompanhamento e automaticamente já seriam chamados ao palco e simplesmente cantariam.

De acordo com Carvalho,

[...] no Cine Spark naquele tempo, não havia uma pré-seleção, porque o campo não era vasto, então a quantidade de pessoas que tinha coragem de ir, que tinha vontade, muita gente tinha, agora quem tinha coragem de vir, dar a cara a tapa num programa é que é complicado, então não havia uma pré-seleção. [...] Então, era importante isso, porque não havia uma pré-seleção, porque a pré-seleção tinha a capacidade de inibir muita gente de vir ao programa<sup>109</sup>.

Não havia pré-seleção, mas havia algum ganhador? A idéia era apenas despertar talentos? Havia alguma premiação? Carvalho afirma que “[...] havia um corpo de jurados que lá durante o programa escolhiam qual o melhor, qual o primeiro, o segundo, o terceiro lugar, geralmente se ganhava algum prêmio, o ingresso pra shows, etc”<sup>110</sup>.

Com relação à escolha da música a ser cantada, ficava sob responsabilidade daquele que a cantaria. Segundo Carvalho “[...] eu cantava todas as músicas de Nilton César, adorava mesmo, [...] então eu entrei e cantei uma música de Nilton César e já ganhei ali mesmo a entrada permanente”<sup>111</sup>.

É importante ressaltar que para participar do Show de Variedades Bezerra Rodrigues era necessário o pagamento de valor estipulado por Chico de Júlio. Isso era válido tanto para os que iam apenas assistir como também para aqueles iriam se apresentar.

De acordo com Barros, J. B. (2012), Chico de Júlio “aproveitava também o espaço para fazer a divulgação das lojas do comércio picoense”<sup>112</sup>, ou seja, ganhava de três formas: através do pagamento feito por aqueles que desejavam cantar, pelo valor pago pelos espectadores e ainda por meio do valor recebido para fazer a divulgação das lojas parceiras do programa.

Através desse programa, Chico de Júlio conseguiu despertar em alguns dos jovens o interesse pelo desenvolvimento de seus talentos artísticos. Foram

---

<sup>109</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>110</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>111</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>112</sup> BARROS, Josafá Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

montadas bandas locais, como: os Rebeldes e os Leões e ambas receberam espaço no palco do Spark, onde tiveram oportunidade de continuarem cantando.

Segundo Carvalho,

a partir desse conhecimento que eu tive cantando no Cine Spark, foi quando foi surgir uma banda em Picos, chamada os Rebeldes, foi a segunda banda de rock em Picos. É... primeiro foi o grupo os Leões, que já tava mais ou menos com seis meses quando nós começamos, então quando foi ser criada essa banda, vários amigos, eu fui convidado pra cantar nessa banda<sup>113</sup>.

O que na verdade o programa fazia era exatamente “[...] abrir as portas pra os novos talentos que estão aí na cidade escondidos, tem de todas as áreas”<sup>114</sup>.

Carvalho afirma que,

O cine Spark está ligado a minha vida de forma decisiva, pois [...] foi ali que eu cantei pela primeira vez, quando nós criamos o grupo os Rebeldes, foi ali que nós estreamos, 1970, 69, 70. Nós fizemos o primeiro show lá com o Cine Spark lotado, a banda nesse dia só tinha 17 músicas ensaiadas, mas foi um grande sucesso. [...] Depois quando eu gravei o meu primeiro trabalho em disco, 1983, o lançamento foi feito também no Cine Spark, com a casa lotada, o trabalho estourou<sup>115</sup>.

Percebemos nitidamente com esse discurso todo o sentimento de pertencimento àquele espaço que sempre esteve presente na vida artística deste personagem, desde os momentos iniciais, ou seja, do show de calouros até o lançamento de seu primeiro trabalho como profissional.

O grupo Os Leões também teve momentos importantes de sua história vividos no palco do Spark. Rocha afirma lembrar-se do grupo e de primeiro show.

Eu me lembro também que tinha em Picos na década de 60, na segunda metade da década de 60, 67, 66, 67,68, foi organizado um conjunto chamado os Leões [...] tinha Zezé, tinha Francisco Antônio Xavier, é, Graziane Fonseca, é, esses meninos organizaram o conjunto e a apresentação deles, eu me lembro do show da primeira apresentação dos Leões no Cine Spark e eles popularizaram em Picos as músicas dos Beatles<sup>116</sup>.

<sup>113</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>114</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>115</sup> CARVALHO, Odorico de Leal. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

<sup>116</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.





Fotografia 14: Show de Inauguração dos Instrumentos elétricos da Banda *Os Leões* no Cine Spark em 1967 (Nome dos componentes: Graziane, Campos, Tadeu, Zezé e Jorge Granja)  
Fonte: Acervo Varão

Esse show marcou o início da fase profissional do grupo *Os Leões* e atraiu tanta gente ao Spark que com o valor corresponde ao cachê da banda, ou seja, a divisão do dinheiro arrecadado na bilheteria, o grupo pôde pagar as duplicatas feitas no ato da compra dos instrumentos, na loja de Aerton Fernandes, em Teresina-PI.

Dessa maneira, podemos verificar a importância do Spark para a comunidade picoense, além de seus frutos, que são os grupos artísticos locais que surgiram ali, naquele palco.

### **3.5 É o fim: o Spark fecha suas cortinas**

Considero esse tópico de grande valor, pois trataremos aqui das causas do declínio e falência de um espaço considerado como sendo de grande valor histórico e vivência da maioria das pessoas da sociedade picoense nos quase 20 anos de funcionamento. Sem mais delongas, comecemos a falar sobre as dificuldades encontradas ao longo desses anos de existência.

Várias são as especulações sobre o que teria motivado o fechamento, entretanto pensamos em um conjunto de fatores, que unidos tornaram-se um fardo

muito pesado que, por não conseguirem sustentá-lo os diretores do Spark resolveram, então, fechá-lo.

Isso é corroborado a partir da análise que faremos do recorte, retirado do jornal Macambira:

# Cine Spark decadente

## A CONCORRÊNCIA DA TELEVISÃO

A televisão, criada na década de 50, tem sido uma das maiores concorrentes do cinema. Ela proporciona um certo comodismo por parte das pessoas, já que possuindo o aparelho torna-se desnecessário sair de casa para divertir-se. Pensa-se também em termos de economia, pois "cinema está caro", conforme afirma o estudante José Maria. Para Antônio dos Santos, um dos diretores do estabelecimento, "a televisão tem sido a nossa maior concorrente, pois ela massifica". Para ele, "toda fita deveria ser educativa, instrutiva, precisando para tanto do apoio do Governo Federal".

Quanto aos filmes pornográficos e de violência, que são constantemente vistos pelo público, o diretor afirma que os filmes com cenas de violência "amadurece" as pessoas, e que esses filmes são passados por insistência de um público que é maioria. Também ressalta que "até a televisão mostra cenas de violência e de nudismo".

## CINEMA DECADENTE

Conforme afirma o diretor, "o cinema está precisando de uma reforma". Para tanto, diz, "estou esperando a vinda de especialistas de Recife para um orçamento". "As poltronas completamente inadequadas e o som deficiente deverão ser solucionados até o próximo ano", assegura ele.

A maioria dos filmes são vindos de Recife devido a um contrato feito com a Embrafilme e a UCB - União do Cinema Brasileiro. A seleção dos filmes aqui vistos é feita por um amigo do diretor que reside em Recife.

Para Antônio dos Santos, "o cinema está decadente". Ele atribui essa decadência a uma falta de divulgação do cinema, a um desinteresse das pessoas, dos velhos, principalmente. Atribui uma parcela de culpa "à falta de cultura do povo nordestino", o que não deixa de ser uma confusão de cultura com inteligência (conhecimento, informação).

Pelo estilo de filmes que são passados no Cine Spark, que quase sempre tem um público homogêneo, ou seja, de jovens; até hoje o filme de maior aceitação, chegando a lotar o cinema, foi "Os Dez Mandamentos". O diretor explica que isso acontece devido a preferência das pessoas pelo filme estrangeiro.



O cine Spark em condições precárias

O cinema é uma arte que como todas as artes precisa sempre ser renovada e adequada aos nossos valores, de acordo com a realidade.

Com o surgimento do Cinema Novo, a preocupação constante dos grandes cineastas, como Gláuber Rocha e Nelson Rodrigues, entre tantos outros é de se criar um cinema mais voltado para a nossa realidade social, desenvolvendo o nosso cinema nacional.

Desde então, o Governo Federal vem exigindo das empresas fumadoras que durante um ano sejam assistidos pelo público 145 dias de filmes nacionais.

Esse tem sido o maior problema enfrentado por um dos diretores do Cine Spark, Antônio dos Santos. Segundo ele, "o cinema não sustenta com filmes nacionais, pois são de péssima qualidade". Afirma ainda que os "filmes estrangeiros dão mais lucro". Problemas como a presença de menores em filmes proibidos, deficiência do som e das condições físicas do Cine Spark devem ser solucionados imediatamente, essa é a contestação das pessoas que frequentam o Cine Spark.

Como podemos perceber, o título dado pelo Jornal Macambira, "O cinema está decadente", já nos chama a atenção, pois, segundo a reportagem, a deficiência do som e das condições físicas foram fatores que contribuíram para sua precariedade.

Outro ponto importante são os filmes exibidos, pois entra em vigor uma nova norma do governo federal a ser aplicada nas salas de cinema que é a de 145 dias de exibição de filmes nacionais, entretanto, como já mencionado anteriormente, os filmes nacionais tinham uma qualidade inferior aos estrangeiros e isso fazia com que o público deixasse de ir ao cinema, por não gostar das películas exibidas. Mas, enfim, quais eram os tipos de películas exibidas pelo Spark e que distanciavam tanto o público, nesse momento?

Segundo a entrevistada "quase todos os filmes era aquela luta marcial de Kung-Fu e aí com o tempo a própria sociedade foi se desfazendo"<sup>117</sup>, ou seja, esse tipo de película tinha um custo menor e gerava uma melhor rentabilidade aos donos do cinema, contudo o público que desenvolveu o gosto por esse tipo de filme ficou restrito aos adolescentes, principalmente do gênero masculino, ou seja, nesse momento, os públicos infantil, feminino e a própria família de modo amplo, distanciou-se do cinema.

Esse não foi um fato isolado, ocorrido apenas no Spark, pois segundo Tavares "em Pelotas, o Cine Theatro Avenida (1927-1984) exibiu filmes cuja temática se concentrava em lutas e artes marciais"<sup>118</sup>.

O público já não participava mais como antes. Por isso, também não era intensificada a fiscalização, pois o cine já sofria pela diminuição de espectadores, então, fechavam-se os olhos para os menores de idade que pagavam o bilhete e entravam.

No entendimento de Assis,

A classe média, que antes ia ao cinema pelo simples prazer de freqüentar um lazer moderno, por manter um significado social em freqüentar certas salas, passou a valorizar mais o filme do que a sala de exibição. Assim, essa parcela da população passou a se preocupar mais com a origem do filme, tema e repercussão na

---

<sup>117</sup> ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, Picos, 2011.

<sup>118</sup> TAVARES, Francine Silveira. *Cinema e patrimônio: o Theatro Guarany de Pelotas/RS*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. 2010, p. 84.

imprensa<sup>119</sup>.

De acordo com Earp e Sroulevich, “a queda do público de cinema no Brasil em meados dos anos 80 foi acompanhada pela redução do número de salas de cinema”<sup>120</sup>, ou seja, “o cinema vai perdendo espaço desde a década de 1970, tanto no Brasil como no resto do mundo, em função do aparecimento de formas alternativas de entretenimento”<sup>121</sup>.

Um fato importante a ser lembrado é que “o que se observa não é uma queda no público para filmes, e sim para as salas de cinema”<sup>122</sup>.

Ao longo de quase duas décadas de existência o prédio do Spark quase não foi alterado, passando apenas por pequenas reformas muito superficiais, sendo necessária nova estrutura de som e novas cadeiras, pois as usadas estavam no cine desde sua abertura.

Com a chegada de novas tecnologias, o cine acabou perdendo espaço para o conforto encontrado no lar, pois o espectador agora poderia assistir em casa as programações televisivas e ainda a filmes que estavam sendo produzidos especialmente para serem exibidos através da televisão.

Tavares, a partir da perspectiva de Gastal e Aigner, acrescenta que a morte do cinema de calçada não é culpa da televisão, mas sim das circunstâncias do mercado em constante mudança, pois a grande maioria dos cinemas não evoluiu o bastante para lutar contra a chegada de novos suportes de entretenimento<sup>123</sup>.

O que parece ter ocorrido foi um descuido por parte dos proprietários com a programação e com os próprios estabelecimentos.

Essa informação é corroborada através da fala do diretor Antônio dos Santos, na entrevista, em que diz “o cinema está precisando de reformas e que espera a vinda de especialistas para um orçamento”, entretanto pode ter acontecido com o Spark o que mencionou o gerente do Cine Theatro Guarany, na cidade de Pelotas que “algumas salas fecharam por medida de segurança já que, por serem antigas e

---

<sup>119</sup> ASSIS, Maurílio José Amaral. *A trajetória das salas de cinema de Belo Horizonte: sociabilidade no espaço UNIBANCO Belas Artes e nas salas de cinema do shopping da cidade*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2006, p. 62.

<sup>120</sup> EARP, Fábio Sá; SROULEVICH, Helena. *O mercado do cinema no Brasil*. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/datacenter/ie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto04112.pdf>>. p. 11. Acesso em: 16 de Março de 2013.

<sup>121</sup> Ibid, p. 01.

<sup>122</sup> EARP, Fábio Sá; SROULEVICH, Helena. Loc. cit.

<sup>123</sup> TAVARES, op. cit., p. 84.

grandes, a reforma, a manutenção e a atualização do cinema resultariam em um investimento alto e arriscado”<sup>124</sup>.

De acordo com Tavares, seguindo a lógica de Gastal e Aigner “o público ficou mais exigente, de modo que o seu conseqüente afastamento tornou mais difícil arcar com os impostos, o preço do aluguel das fitas, os gastos e custeio com a manutenção das salas”<sup>125</sup>.

No entendimento de Assis, “o público passa a reclamar do mau estado das salas e dos filmes oferecidos, considerados apelativos, como os filmes de violência e os pornôs”<sup>126</sup>.

Braga apud Assis afirma que,

os cinemas enfrentam sua pior fase com a queda de qualidade de produção cinematográfica, em que os filmes exploravam a violência e a pornografia, e as salas passaram a ficar sucateadas pela falta de investimento dos proprietários<sup>127</sup>.

Questionado em entrevista pelo jornal Macambira sobre os filmes pornográficos e de violência, Antônio dos Santos responde: “O diretor afirma que os filmes com “cenas” de violência amadurece” as pessoas e que esses são passados por insistência de um público que é maioria. Também ressalta que “até a televisão mostra cenas de violência e de nudismo”, ou seja, o diretor na entrevista pretende justificar o porquê de serem exibidos tantos filmes de violência no cine e ainda argumenta utilizando sua “concorrente”, a televisão, como bucha de canhão, ao afirmar que também ela exhibe cenas de violência e nudismo.

Mas o que de fato foi culminante para a escolha e permanência de exibição de filmes pornográficos foi a possibilidade de aumento da rentabilidade. Vale apud Assis afirma que “a maioria dos cinemas pornôs surgiu em espaços que anteriormente exibiam filmes variados e que tiveram diminuição do público”<sup>128</sup>.

Com o encerramento das atividades do Jornal Macambira, divulgador das programações mensais do Spark, e fechamento da rádio Amplificadora Luar do Sertão, esse teve uma enorme queda no quesito divulgação, pois os mecanismos utilizados anteriormente já não estavam mais presentes. Será que os diretores não

---

<sup>124</sup> TAVARES, op. cit., p. 83.

<sup>125</sup> Ibid, p. 85.

<sup>126</sup> ASSIS, op. cit., p. 62.

<sup>127</sup> Ibid, p. 56.

<sup>128</sup> Ibid, p. 59.

poderiam ter buscado novos meios para a realização dessa divulgação? Sim, contudo o público que era contemplado pelas películas era fiel, ou seja, os jovens e, por isso, não adiantava ou necessitava de uma divulgação mais intensa.

Antônio dos Santos também atribui uma parcela de culpa da decadência do Spark aos idosos, e diz que “o que falta na verdade é cultura ao povo nordestino, o que não deixa de ser uma confusão de cultura com inteligência (conhecimento, informação)”.

Em sua entrevista, o senhor Antônio dos Santos apresenta muitas justificativas para a decadência do Spark, fala sobre a necessidade de reformas em todo o espaço, som e cadeiras, sobre a falta de divulgação, sobre a falta de incentivo por parte do governo, sobre as péssimas condições do filme nacional e é incisivo no tocante à chegada da televisão ao povo picoense, esta é apresentada como a causa principal entre todas as demais.

Vale ressaltar que em nível nacional é observado o declínio e fechamento de inúmeras casas de exibição no mesmo período, coincidentemente à chegada da televisão, e às películas de pouca qualidade.

Muitos prédios foram ou demolidos ou alugados para igrejas evangélicas, como cita Assis ao referir-se aos cinemas em Belo Horizonte.

O número de pessoas que frequentava os cinemas reduziu drasticamente e as salas passaram a dar lugar às igrejas evangélicas ou bingos. Os cinemas e as salas não representavam mais uma novidade como no início do século<sup>129</sup>.

Esse fato também ocorreu em Picos com o cine Spark, após seu fechamento o espaço foi alugado para a Igreja Universal do Reino de Deus. Seu maquinário ainda permanece no mesmo local apenas cheio de poeira e esquecido pelo tempo, e suas cadeiras foram vendidas para o Instituto Monsenhor Hipólito<sup>130</sup>, e atualmente permanecem sendo utilizadas no auditório deste colégio.

---

<sup>129</sup> ASSIS, op. cit., p. 61.

<sup>130</sup> Realizando o sonho de Monsenhor João Hipólito de fundar uma escola dirigida por Religiosas (as irmãs cordimarianas) que assumissem um processo educativo de qualidade à luz dos valores cristãos, funciona na cidade de Picos, há 68 anos, o INSTITUTO MONSENHOR HIPÓLITO.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cine Spark é um lugar de tempos remanescentes e é capaz de narrar a intensa e rápida trajetória histórica dos cinemas de calçada, pois esse cine esteve por todo o seu tempo de existência em sintonia com o Brasil e com o mundo.

Nossa principal fonte foram as memórias em entrecruzamento com as fontes documentais em que olhamos o Spark a partir da visão daqueles que o constituíram, ou seja, seus sujeitos históricos.

Dessa maneira, podemos perceber no estudo desse espaço como os grupos atribuíam significados diferentes a esse bem cultural, o cinema. Esses grupos constituíram ao longo de quase duas décadas as memórias que hoje são lembradas para descrever um espaço que permanece vivo, contando experiências e promovendo reflexões no presente sobre os momentos vividos no passado.

Respondendo a um questionamento elaborado no momento da introdução dessa pesquisa, sobre o porquê de os outros cines existentes anteriormente ao Spark não terem durado tanto tempo quanto este, é simples responder, pois o Spark desenvolveu mecanismos que pudessem suprir a necessidade desse público, ou seja, seus meios de divulgação foram mais eficazes – através do jornal Macambira, carros de som, cartazes e a rádio, suas exhibições eram diárias devido ao acesso que os diretores tinham ao aluguel das películas, seu espaço foi construído especificamente para o funcionamento do cinema e ainda foram desenvolvidas outras atividades que conseguiam envolver a sociedade, como por exemplo: o show de calouros e de artistas nacionais.

Entretanto não podemos esquecer que nos momentos de funcionamento dos outros cines, estes tiveram que enfrentar dificuldades ímpares, como: o problema da energia, do atraso do som e do equipamento cinematográfico, o desconhecimento do público ao ver a película fílmica e ainda a grande dificuldade financeira existente, decorrente de os filhos daqueles que detinham melhores condições financeiras morarem em outras cidades para estudarem ou os jovens que aqui eram residentes não poderem pagar o valor cobrado pelo bilhete de entrada.

Neste trabalho, então, pudemos olhar para o Spark de dentro, ou seja, visualizá-lo a partir do modo como os atores sociais que preenchiavam seus assentos o percebiam. Analisamos os sujeitos que permaneceram escondidos, apagados,



mas que davam ao Spark sua tonalidade, seu brilho – os funcionários. E por fim, as várias faces de um mesmo espaço, includente e excludente, mas que levava alegria e propiciava o desabrochar de sonhos.

## FONTES E REFERÊNCIAS

### FONTES:

BARROS, Josafá Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra, 2012.

BARROS, Paulo Sérgio Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

MAIA, Maria Nunes. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

MOURA, Joaquina Rodrigues de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

NUNES, Douglas Moura. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

RODRIGUES, Maria das Graças Barbosa. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

TEIXEIRA, Maria Eunice Soares. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2011.

### REFERÊNCIAS:

#### a) Livros

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos, nas anotações de Ozildo Albano*. Picos, 2011.

BERNARDET, Jean Claude. *Cinema brasileiro: propostas para uma história*. 2. ed. rev. amp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BERNARDET, Jean Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro*. Metodologia e Pedagogia. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Renato. *Picos: Os verdes Anos Cinquenta*. 2. ed. rev. amp. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. 2. ed. rev. amp. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema: trajetória do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

USAI, Paolo Cherchi. *Silent Cinema: an introduction*, p. 77.

## **b) Capítulos de Livros, Artigos e Revistas**

EARP, Fábio Sá; SROULEVICH, Helena. *O mercado do cinema no Brasil*. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/datacenter/ie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto04112.pdf>>. Acesso em: 16 de Março de 2013.

FREITAS, Marco. *Relações entre cinema e história: a metodologia cine-historiográfica de Jean-Claude Bernardet*. Disponível em: [http://www.asaeca.org/aactas/freitas\\_marco\\_-\\_ponencia.pdf](http://www.asaeca.org/aactas/freitas_marco_-_ponencia.pdf). Acesso em: 20 de Outubro de 2012.

LIMA, Frederico Osanam Amorim. *Sobre a Tela da Ilusão: Fascínio e Impacto do Cinema em Parnaíba*. In: SOUSA, Francisco de Assis de (Org.). *Fragmentos Históricos: Experiências de Pesquisa no Piauí*. Vol. I. Parnaíba, PI: Sieart, 2005.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Cinema, invenção do diabo?* In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar (Org.). *História, cinema e outras imagens juvenis*. Teresina: EDUFPI, 2009.

REVISTA FOCO. Edição Comemorativa (111 anos de história). Picos: Folha de Picos, 2001, p. 16.

SCHVARZMAN, Sheila. *História no Cinema/História do Cinema*. Disponível em: <<http://mnemocine.com.br>>. Acesso em: 20 de Novembro de 2012

## **c) Páginas da internet**

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_do_Brasil). Acesso em: 15 de Outubro de 2012.

Sinopse do filme *Viagem ao Planeta Proibido*. Disponível em: <<http://cinespacemonster.blogspot.com.br/2010/05/angry-red-planet-1959.html>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2013.

#### **d) Monografias e Dissertações**

ASSIS, Maurílio José Amaral. *A trajetória das salas de cinema de Belo Horizonte: sociabilidade no espaço UNIBANCO Belas Artes e nas salas de cinema do shopping da cidade*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2006.

LA CARRETTA, Marcelo L. da Cunha. *Cinema, memória audiovisual do mundo*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. 2005.

LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine Spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 83 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí, 2012.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Geografia dos Desejos: Cidade, Lazer, Gênero e Sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. 80 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí, 2011.

TAVARES, Francine Silveira. *Cinema e patrimônio: o Theatro Guarany de Pelotas/RS*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. 2010.

#### **e) Decreto**

ANCINE. Decreto nº 52.745, de 24 de outubro de 1963. Dispõe sobre a exibição de filmes brasileiros. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-52745-24-outubro-1963-392746-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 01 de março de 2013.

#### **f) Filmes**

Cinema Paradiso. Direção: Giuseppe Tornatore. Itália: Versátil Home vídeo, 1988. 1. DVD (123 min), NTSC, color. Título Original: Nuovo Cinema Paradiso.

**ANEXOS**

**ANEXOS**

<b>ANEXO A</b>	<b>Marilyn Monroe</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>James Dean</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO C</b>	<b>Antônio José (in memorian) em frente ao Cine Spark - 1968</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO D</b>	<b>Cristina Varão e amigos em frente a bilheteria do Cine Spark - 1968</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO E</b>	<b>Maquinário do Cine Spark</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO F</b>	<b>Cadeiras do Cine Spark, atualmente no auditório do Instituto Monsenhor Hipólito</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO G</b>	<b>Calendário do 2º semestre de 1964</b>	<b>89</b>



Marilyn Monroe

Fonte: Disponível em: <<http://maniacodelcine.blogspot.com.br/2010/12/tributo-los-grandes-marilyn-monroe.html>>. Acesso em: 18 de março de 2013



James Dean

Fonte: Disponível em: <<http://www.converseallstar.com.br/blog/tag/james-dean/>>. Acesso em: 18 de março de 2013



Antônio José (in memorian) em frente ao Cine Spark - 1968  
Fonte: Acervo Varão

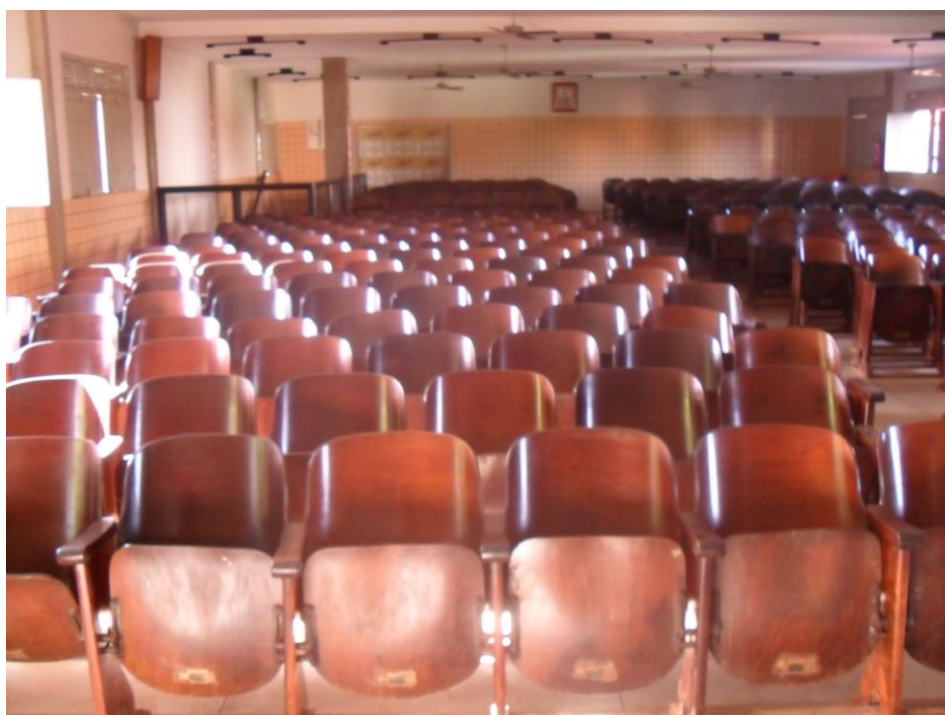


Cristina Varão e amigos em frente a bilheteria do Cine Spark - 1968  
Fonte: Acervo Varão





Maquinário do Cine Spark  
Fonte: Arquivo Pessoal de Layrton Borges Bezerra



Cadeiras do Cine Spark, atualmente no auditório do Instituto Monsenhor Hipólito  
Fonte: Arquivo Pessoal Layrton Borges Bezerra

**CALENDÁRIO DO 2º  
SEMESTRE DE 1964**

Agosto						
Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Setembro						
Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
	1	2	3	4	5	6
7	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	11	12	13
14	15	16	17	18	19	<b>20</b>
<b>21</b>	<b>22</b>	23	24	25	26	27
28	29	30				

Novembro						
Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	<b>21</b>	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Outubro						
Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	<b>11</b>
<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Dezembro						
Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			